VOLUME X

COSMOS

REVISTA-MAGAZINE-POPULAR-ILLUSTRADA

ALBERTO PONS

A Sphynge

VIDÉ EXPEDIENTE

Bibliotheca Magazine Popular Illustrada

Director e Administrador — ADOLPHO DE MENDONÇA — Editor e Proprietario

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME X

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

FATIMA

(Lenda do S. João na Beira-Baixa)

Manteigas, villa da Beira-Baixa, é uma das mais antigas povoações do paiz. Rodeada pelas montanhas alcantiladas da Serra da Estrella só tem uma sahida.

Póde comparar-se a um monte de pedras agrupadas no fundo d'um poço secco. Succede, que no inverno, varios ribeiros que se despenham dos cerros visinhos, atravessam o povoado com um fragor temeroso e arrastam comsigo fragas enormes, de algumas toneladas de peso, que ameaçam, com frequencia, arrazar a villa.

Um pouco arredada das manifestações da civilisação, a gente de Manteigas conserva ainda a pureza dos costumes primitivos, — é san e de bons instinctos. Dentro dos seus gabões com capuz, que raras vezes largam, encontram-se ainda as antigas virtudes dos velhos lusitanos.

Manteigas, foi em tempo dos agarenos, terra de importancia, pois teve o seu alcaide ou emir, aucto-

ridades a quem os chronistas menos eruditos chamavam reis.

E' d'essa epoca que data a lenda que as avós beirans, contam, assentadas á lareira, nas longas noites de inverno, a fiar o linho ou a lan, em redor da fogueira vivificadora, ás netinhas de olhos arregalados.

.A duas leguas da villa, ergue-se altivo, e a miudo, revestido do seu alvissimo manto de arminhos, o pincaro de *Alfatema*, o cabeço mais elevado da Serra da Estrella. O panorama que de lá se descobre, em dias claros, é coisa assombrosa. Muita gente que tem visitado a Suissa talvez nunca se lembrasse de fazer uma ascenção até esse ponto, onde com certeza ficaria maravilhado com a vista soberba que d'ali se gosa. Succede isso frequentemente — irmos procurar fóra aquillo que possuimos em casa.

Então, quando a neve envolve como n'uma tunica de linho branco todos aquelles cerros, vertentes e valles; quando o olhar se prolonga até á faixa azul do oceano, d'um lado, galgando por cima das aldeias, dos rios, dos lacetes angulosos das estradas, da matta do Bussaco, dos campos escuros sulcados de fresco pela charrua; e do outro, até ás planicies extensissimas da Extremadura hespanhola, demorando-se um instante a profundar as quebradas, a analysar a torre alvarran da cidade da Guarda, o terreno penhascoso proximo da raia e os extensos olivedos até Ciudad Rodrigo, a alma dilata-se como na contemplação d'uma maravilha, que é, da natureza.

Mas vamos á lenda.

O montante christão não dava repouso á cimitarra musulmana. Mais fortes os nazarenos ou mais felizes, levavam de roldão os sequazes de Mafoma. Repellidos de combate em combate, perseguidos sem mercê, era-lhes impossivel transportar todas as riquezas adquiridas durante seculos. Recorriam então ao expediente de as occultar nos sitios que julgavam mais adequados.

Principia aqui a dar largas á sua expansibilidade a imaginação popular. Esses thesouros eram, no dizer do povo, guardados por mouras *encantadas*.

O *rei* agareno de Manteigas, tinha uma filha chamada Fatima. Era formosa como uma visão do paraiso promettido por Mahomet e o pae estremecia-a como a fibra mais sensivel da sua alma. Os cavalleiros christãos das visinhanças empregavam os maiores esforços para se apoderar dos seus estados, captivarem a filha e assenhorearem-se dos seus bens e joias.

O rei quiz resistir abrigado com as muralhas da cidade, mas como as hostes assaltantes eram em numero descommedido e a resistencia seria uma loucura, resolveu fugir pelos carreiros mais escusos da serra, levando a filha e o resto das riquezas, que ainda não tinham sido postas em logar seguro.

Andaram, andaram durante todo o dia, mas ao anoitecer Fatima não podia dar mais passada, morria de cansaço. A conjuntura era temivel. Como soccorrel-a n'aquelle descampado, no sitio mais agreste da serra? De subito, na sua frente, abre-se um esplendido caminho, todo florido, calçado de pedras

finissimas, e ao cabo d'elle, um foco de luz que illuminava tudo como se o sol brilhasse no zenith.

Era como um milagre operado pelo Propheta, a salvação que surgia a alguns passos. Então o rei, a filha e a comitiva sentiram a esperança renascer-lhes no coração. Seguiram a estrada que se lhes abria na frente e entraram n'um palacio tão resplandecente, tão cheio de coisas magnificas, que todos se quedaram deslumbrados.

O que depois se passou nunca ninguem o soube, mas nos dias immediatos viram os serranos subir e descer pelas encostas diversos pastores que ninguem conhecia na localidade. Demoraram-se algum tempo por aquelles sitios e faziam repetidas visitas ao *Curuto de Alfatema*, nome porque designavam o cabeço. Um bello dia desappareceram e nunca mais ninguem lhes tornou a pôr a vista em cima.

Esses pastores eram mouros disfarçados, e foi por indiscreção d'elles que se soube, que uma boa fada, madrinha de Fatima, a promettera guardar na sua vivenda encantada, sempre joven e formosa, até que os fieis sectarios do alcorão conquistassem de novo Portugal.

Esta crença estava arreigadissima no animo dos camponezes, e durante os seculos XII e XIII era enorme o panico na persuasão de vêr chegar os esquadrões mouriscos em busca da linda Fatima.

A lenda ainda tomou mais corpo no espirito crédulo dos simples aldeões quando, poucos annos depois dos christãos tomarem Manteigas, se deu o acontecimento que vamos narrar.

Uma pobre mulher, das mais miseraveis da localidade, teve de passar, de madrugada, no dia de S. João, pelo *Curuto da Alfatema*. Sentindo-se fatigada sentou-se n'um dos muitos penhascos que por alli abundam para descançar e comer algumas côdeas de pão que trazia.

A brôa, dura de muitos dias, quasi não se podia tragar. Quando a desventurada dizia mal á sua vida por ter de ingerir um tão parco alimento, viu a seu lado um vasto estendal de figos sêccos.

Comeu alguns, e, lembrando-se dos filhos que choravam longe, encheu d'elles uma cesta que levava.

Dirigiu-se lépida para a arruinada choupana, gosando antecipadamente da alegria que ia proporcionar ás creanças. Qual não foi, porém, o seu pasmo, quando, ao destapar a cesta, em vez de figos se lhe depararam diamantes e reluzentes moedas de ouro.

Estava rica. Mas a mendiga, que minutos antes dera graças a Deus por ter só pão para saciar a sua fome e a dos seus, sentiu a mordedura da ambição. Um cabaz de pedras preciosas e de boas dobras d'ouro já era pouco para ella! Queria ser riquissima.

Volta apressurada ao *Curuto*. Mas o sol, que subira de todo no horisonte e que refulgia agora no immenso céo sem nuvens, arrancava da superficie polida dos fraguedos myriades de scintillações offuscantes. O *encanto* quebrara-se, os *figos* tinham-se sumido.

Presa d'uma grande afflicção e desespero, arrepel-

lando os cabellos, ia para blasphemar, quando ouviu uma voz suavissima cantar:

Era teu tudo o que viste;
Agora tornaste em vão!
Não passes mais n'este sitio
Na manhan do S. João.
Não te perdeu a pobreza,
Pode matar-te a ambição ([1]).

A lição foi proveitosa; a mulhersinha contentou-se com o que tinha, com elle adquiriu fazendas e passou venturosa e na abastança o resto dos seus dias. Foi esta a origem d'uma das primeiras casas da Beira-Baixa, affirma-se.

EDUARDO NORONHA

(De A' Rédea solta)

([1]) Reproduzimos a sextilha tal como a canta o povo de Manteigas

AMELIA

Ouve, Amelia, se a ventura
Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal,
D'esta vida o passo leve
Corre breve
Corre breve e corre egual.

Assim, pois, quando em meus sonhos
Mais risonhos,
Sinto ás vezes gosos mil,
Não me importa da verdade,
Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida
Vôe despida
De prazer, de crença e amor,
Tem tão curta a vida e o termo
Que n'este ermo
Não distingo o espinho e a flor.

Não distingo; mas se ainda
Visão linda
Ha que em sonhos possa ter;
Se uma cousa ha que eu deseje,
Que eu inveje,
Ouve, Amelia, vou dizer;

Era em gruta bem selvagem
  Doce imagem
Ver em ti da que eu amei;
Ter comtigo a mesma sorte,
  Vida, morte,
Ter, Amelia... o que eu não sei!

JOÃO DE DEUS.
(Campo de Flores)

NA PRAIA

Eu gosto de te ver na languidez herculea
Vasto, piedoso, humano,
Com a tua immortal dalmatica cerulea,
O' velho Padre-Oceano!

Eu gosto de te ver no teu repoiso infindo,
O' mar tonitroante,
Quando na areia d'oiro as creancitas rindo
Cospem em ti, gigante!

Na tua virgindade amarga a podridão
Hedionda não consentes;
E a terra está em ti guardada, como estão
Em alcool as serpentes.

Do teu ventre emergiu, alva como as chimeras
A Amphitrite pagã;
E os teus tigres reaes, as tuas proprias feras
Sabem dizer: — *mamã!*

GUERRA JUNQUEIRO.

(A Musa em Ferias)

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Navegadores do seculo XVIII

As viagens de James Cook

Excepção feita de algumas ilhas do Oceano Pacifico e das terras circumpolares que ainda hoje se conservam impenetraveis, no seculo XVIII estavam já descobertas todas as terras hoje conhecidas. O Atlantico, o Indico e a maior parte do Pacifico tinham sido já percorridos em todos os sentidos por portuguezes, hespanhoes e hollandezes que, todavia, com os processos de navegação e cartographia usados n'esse tempo, não poderam determinar com rigorosa exactidão nem a posição nem a configuração das terras descobertas. Essa tarefa estava reservada para os seculos XVIII e XIX, porque, então, já a sciencia fazia avançar os processos da determinação de longitudes e da representação das terras n'um planispherio para o rigor mathematico, e a essa tarefa se dedicaram com ardor a França e a Inglaterra, como se quizessem fazer-se perdoar o facto de terem assistido impassiveis, sem nada emprehenderem n'esse sentido, aos esforços empregados por nações mais pequenas, como Portugal, a Hespanha e a Hollanda, a primeira sobretudo, durante tres seculos, para alargarem o campo

de actividade dos povos civilisados, abrindo á sua exploração novos paizes e trazendo ao seu convivio novos povos.

Com effeito foram numerosas no seculo XVIII as expedições maritimas, organisadas, com o objectivo de completar os conhecimentos humanos na geographia e colher elementos de estudo oceanographico, quer directamente pelos governos francez e inglez, quer indirectamente pelo auxilio prestado ás que nasceram da iniciativa particular.

D'entre todas distinguiram-se as do commando do capitão inglez James Cook, não só pela importancia do seu objectivo e dos resultados, obtidos, mas tambem um pouco pelo fim cruel e desastroso que teve o arrojado navegador.

James Cook era filho de gente pobre e foi marçano de mercearia. Sabia ler e escrever, mas sabe Deus como. Um dia, encontrando-se a contemplar o mar, despertou-se-lhe no cerebro a scentelha da sua vocação, e eil-o embarcado aos doze annos de edade, como grumete a bordo d'um transporte de carvão; e como demonstrasse um extraordinario gosto pelo novo modo de vida e um raro temperamento de marinheiro, metteram-no na marinha de guerra, dedicando-se elle, desde então, com um affinco revelador da sua energica vontade, ao estudo da astronomia e da geometria.

Na campanha do Canadá serviu Cook, já como mestre, a bordo do Mercury, sendo pouco depois encarregado do levantamento hydrographico do rio de S. Lourenço e de algumas porções de costa da ilha

da Terra Nova. E, tendo a Sociedade Real de Londres obtido que o governo enviasse uma expedição scientifica aos mares do sul para observação da passagem de Venus pelo disco do Sol, foi o commando do navio confiado ao já então tenente James Cook o qual revelou n'essa campanha, fertil em resultados para a sciencia geographica, um perfeito temperamento de marinheiro, frio e impassivel perante o perigo, energico e duro na manutenção da disciplina, sobrio e soffredor paciente das maiores privações. Tendo partido em 1768, cruzou principalmente na parte sul do Oceano Pacifico. Explorou demoradamente as costas da Nova Zelandia, descobrindo que ella não era uma só ilha, como então se julgava, mas sim constituida por duas ilhas quasi eguaes, uma ao norte e outra ao sul, separadas por um canal que se ficou chamando de Cook, ficando tambem com este nome um elevado monte, de 4100 metros de altura, que de muito longe se avista na ilha do sul. Explorou a costa da ilha Taiti, poetisada na descripção que d'ella fez em estylo encantador um illustre navegador francez, predecessor de Cook, Luiz Bougainville; deu ao archipelago de que essa ilha faz parte, o nome de ilhas da Sociedade; explorou o archipelago de Pomotú; descobriu um pouco ao sul das ilhas da Sociedade, um grupo de pequenas ilhas a que deu o seu nome fez o levantamento hydrographico de mais de 600 leguas da costa meridional da Australia e voltou finalmente á Europa pelo Cabo da Boa Esperança, completando assim a viagem de circumnavegação na qual gastou mais de dois annos e durante a qual morreram;

um grande numero de marinheiros e os membros mais importantes da commissão scientifica. Como recompensa foi promovido a *commander*.

Em 1772 partiu de novo para os mares do sul, commandando as fragatas *Resolution* e *Adventure*, encarregado de tornejar o pólo antarctico, seguindo os parallelos mais meridionaes a que podesse chegar, em procura da grande terra austral cuja existencia se suspeitava. Seguiu pelo Cabo da Boa Esperança para oriente, explorou em todos os sentidos o oceano ao sul da Australia, depois, subindo um pouco para o norte, descobriu a leste d'este continente o archipelago da Nova Caledonia, voltou para o sul, chegou até ao parallelo dos 71 graus, descobriu a terra de Sandwich, a mais austral que encontrou, e regressou ao Cabo da Boa Esperança pelo lado da America, completando a sua viagem de circumnavegação austral, tendo navegado 110:000 kilometros.

De regresso a Inglaterra foi promovido a *captain* (capitão de mar e guerra), tratado com muita consideração, muito acclamado pelo publico e nomeado director do hospital (!) de Grenwich.

Agitava-se, porém, n'aquelle tempo, com muita vivacidade, o problema da passagem atravez do continente americano, pelo noroeste, problema que no seculo XVI occasionara já o drama de dedicação fraternal dos illustres portuguezes, Corte Reaes, chegando um d'elles, que foi a primeira victima dos gelos polares, até á entrada da enorme bahia que mais tarde recebeu o nome de Hudson; e para descobrir essa passagem partiu de novo Cook, em 1776,

commandando as fragatas *Resolution* e *Discovery*. Cook resolveu porém tentar o descobrimento pelo lado occidental do continente americano, isto é, em sentido opposto áquelle por onde até ali tinha sido procurada, e por isso navegou para o Atlantico sul, passou para o Pacifico e seguiu para o norte; descobriu o grupo de ilhas de Hawai, hoje conhecidas pelo nome de ilhas Sandwich, e continuou para o norte em direcção ao estreito de Behring, que atravessou, estudando minuciosamente as particularidades das costas; seguiu ainda até ao parallelo dos 70 graus, mas teve que retroceder por não poder romper os gelos, que lhe offereciam uma barreira infranqueavel, correndo os seus navios sério risco de ficarem alli presos.

De volta para o sul tocou de novo nas ilhas Sandwich, onde se demorou para dar descanço ás suas tripulações.

Cook mantinha muito boas relações com os naturaes, d'essas ilhas quando, um dia, estes, não podendo vencer a sua tendencia para a pilhagem, caracteristica de todos os indigenas das ilhas da Polynesia, roubaram um dos escaleres dos navios. Cook quiz castigar o attentado com intenção de lhes dar uma licção salutar; levantou-se discordia entre a sua gente e os indigenas, dispararam-se alguns tiros, mas os naturaes, em vez de se assustarem, carregaram em grande numero sobre os inglezes, que se viram forçados a procurar na fuga a salvação.

Cook foi, no meio da confusão que se seguiu, ferido por uma azagaia e cahiu. Chamou pelos seus compa-

nheiros, mas estes, acossados de perto pelos naturaes, não puderam soccorrel-o.

Os indigenas acabaram de matar ás azagaiadas o grande navegador e alli mesmo o devoraram n'um diabolico festim, á vista dos seus companheiros consternados e horrorisados pelo tragico fim do seu valente capitão.

Se, quando determinou seguir a carreira maritima, na qual tanto illustrou o seu nome e tão relevantes serviços prestou á sciencia e á humanidade, Cook tivesse podido entrever o horror tragico do seu desastroso fim, talvez não tivesse abandonado a mercearia onde começou a sua lucta pela vida, apezar das seducções empolgantes da gloria.

Distracções e coisas uteis

Lustre de bolas de agua de sabão

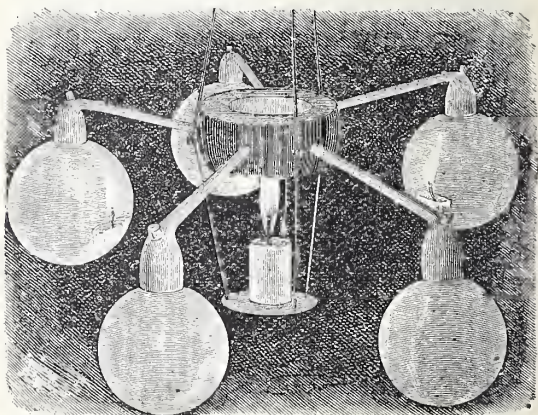
Quem haverá ahi que na sua meninice não tenha soprado n'um pedaço de canna, previamente molhada em agua de sabão, para d'ella tirar lindas espheras que se elevam nos ares, e á luz do sol tomam variadissimas e bellissimas côres?

Pois é com essas bolas de agua de sabão que muito facilmente se póde fabricar um lustre de magnifico e gracioso effeito.

Corta-se n'uma batata uma rodella de dois dedos de altura e fura-se no meio de modo a formar um annel grosso e resistente. No contorno exterior, a meio da altura, espetam-se-lhe tres alfinetes aos quaes se amarram outros tantos fios com os quaes se suspende do tecto o annel de batata. N'esses mesmos alfinetes atam-se outros tres fios que pela parte inferior do annel sustentarão uma rodella de cartão na qual se collocará um côto de vela acceso.

Feito isto pega-se successivamente em cinco cachimbos de gesso de tubo pequeno, molha-se o bocal de cada um d'elles em agua de sabão e tira-se soprando pelo tubo, com a bocca cheia de fumo de ci-

garro, uma bola de agua de sabão a qual apresentará o aspecto leitoso do vidro fosco, tapa-se com um dedo o buraco do tubo e espeta-se este no contorno exte-

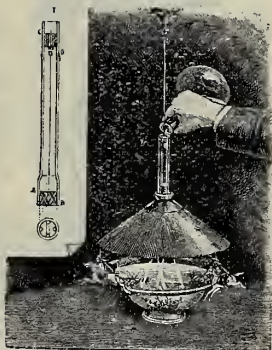
rior do annel de batata, sem todavia chegar á superficie interior para que a bola se não esvasie.

A chamma do côto de vela reflectir-se-ha em cada um dos globos produzindo um bello effeito.

O abat-jour carrousel

Não menos curioso que o precedente, e talvez até mais interessante é o divertimento que consiste em fazer girar um *abat-jour* a cujo contorno estão suspensos varios cavalleiros.

Corta-se n'uma batata uma rodella tendo por dia-

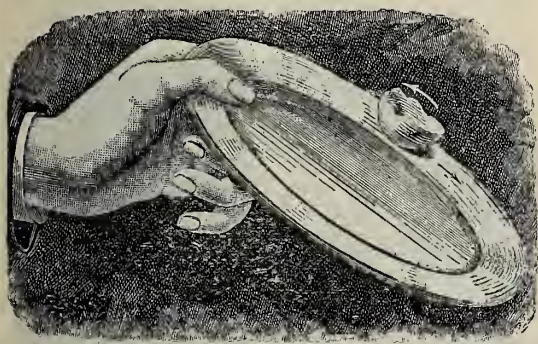
metro o diametro da parte mais larga d'uma chaminé de candieiro e de altura uns dois centimetros. Com uma penna de pato furam-se quatro canaes cylindricos e obliquos em relação á altura da rodella e feito isto mette-se esta na parte mais larga da chaminé. Na parte superior d'esta enfia-se com attricto forte uma rolha tambem de batata na qual se furaram quatro canaes cylindricos, mas estes verticaes, e a meio da rolha deve ter-se feito um outro furo vertical no qual se passou um fio, para suspensão do apparelho, fixo pela parte inferior da rolha por um pausinho de phosphoro atravessado. Na chaminé enfia-se um *abat-jour* de cujo contorno se suspendem varios cavalleiros recortados em papel. Suspende-se do tecto o apparelho por meio do fio enfiado na rolha e colloca-se por debaixo uma bacia.

Para o fazer funccionar deita-se agua na parte superior do vidro a qual, atravessando os furos da rolha, em breve encherá a chaminé, ao mesmo tempo que se vae escoando pelos orificios obliquos da rolha inferior. Logo o apparelho começará a girar com uma velocidade relativamente grande, dando o effeito interessante d'um lindo e curioso *carrousel*.

Reflector improvisado

Um filho vosso queixa-se de dôres na garganta e vós quereis vêr o que elle tem, mas para a observação ser boa é neccessario illuminar a garganta. Accendei uma véla, segurai-a juntamente com uma colher de modo que a concavidade d'esta fique voltada para a chamma e ahi tendes um magnifico reflector que, collocado em frente da bocca da creança, vos permittirá examinar-lhe á vontade a garganta.

Os movimentos da Terra

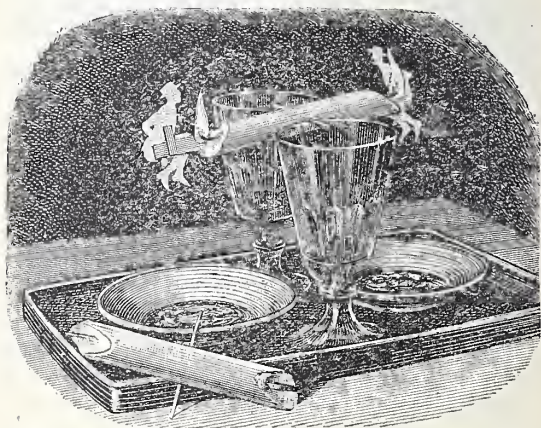
Quereis explicar a vossos filhos d'um modo simples e claro os movimentos da translação e de rotação da Terra em volta do Sol? Pois um dia á mesa quando comerdes ovos quentes, fazei o seguinte: Com um bocado de gemma d'ovo pintae no centro d'um prato um disco figurando o Sol; humedecei ligeiramente a borda do prato e sobre ella collocae uma pequena calotte de casca d'ovo. Inclinando o prato convenien-

temente por um pequeno movimento do pulso, a casca começará a girar sobre a borda, ao mesmo tempo que girará sobre si mesma. Se no fundo da casca collardes um pequeno boneco de papel, a licção tornar-se-ha para vossos filhos muito mais attrahente. A

humidade da borda do prato, produzindo uma certa adherencia da casca, impedirá que esta salte fóra por virtude da força centrifuga.

Motor de estearina

E' um motor de nova especie, d'uma extrema simplicidade, pois dispensa fornalhas, caldeira, etc. Uma simples véla de estearina faz o effeito. Aquece-se um pequeno arame de ferro e com elle atravessa-se a véla, a meio e em sentido perpendicular ao pavio e

colloca-se esta horisontalmente entre dois cópos, assentando as extremidades do arame sobre os bordos d'estes. Accende se a véla de ambos os lados e por debaixo de cada uma das extremidades colloca-se um prato. Começando a arder a véla, chega um momento em que d'uma das extremidades cáe um pingo de estearina. Immediatamente esta extremidade se le-

vanta, baixando a outra da qual cáem por isso dois ou tres pingos o que a faz levantar-se logo, e assim se engendra um movimento desordenado, mas successivo, que só pára quando a véla acaba de consumir-se. D'este movimento que a principio é lento, mas cuja amplitude vae successivamente augmentando, pódem tirar-se varios effeitos, ligando a véla por

meio d'um arame muito fino a bonecos articulados, recortados em cartão, e aos quaes se póde fazer executar diversos serviços, como serrar, puxar a corda d'uma sineta, etc. O mais simples é o seguinte: Por meio d'alfinetes espetados na véla prolonga-se com esta, mas a uma certa distancia para que a chamma lhe não chegue, uma tira de cartão com um boneco em cada uma das extremidades. Os bonecos participarão do movimento da vela e figurarão o divertimento a que muito se entregam os rapazes, montando nas extremidades d'uma taboa assente pelo meio sobre um cavallete.

Homens celebres de todos os tempos

FERNÃO MENDES PINTO

As aventuras d'este celebre portuguez do seculo XVI são tão extraordinarias que quem lê as *Peregrinações* não póde furtar-se á impressão de estar lendo algum capitulo das Mil e Uma Noites, tão inacreditavel parece que um homem podesse soffrer tantas contrariedades, tantos infortunios e contratempos, sem nunca esmorecer, sem nunca se lhe abater o animo.

Porisso elle passou durante muito tempo por um refinadissimo mentiroso e os seus contemporaneos transformaram o seu nome por um *calembourg* de mau gosto em *Fernão mentes? minto.*

Viajantes que, mais tarde, percorreram algumas das regiões por elle descriptas, vieram porém confirmar que, não só Fernão Mendes Pinto não era um mentiroso, mas bem pelo contrario um observador minucioso e intelligente que transmittiu aos vindouros uma nota impressiva, nitida, clara e verdadeira de tudo quanto vira.

As *Peregrinações*, livro onde elle contou toda a sua vida aventurosa de 21 annos passados no Oriente, são umas das mais bellas reliquias da nossa abundan-

te litteratura, escriptas n'um estylo incomparavel correcto, conciso, pittoresco e florido. Livro de mais agradavel leitura e mais interessante, não ha-de ser facil encontrar em qualquer litteratura do mundo. N'elle se encontra de tudo, desde a epopeia completa, cortada dos mais palpitantes e imprevistos episodios, até á descripção de regiões completamente desconhecidas n'aquelle tempo, de usos, costumes e religiões de povos egualmente desconhecidos, de mistura com o estudo da sciencia de governar e maximas philosophicas puras e sãs, expostas modestamente, sem affectação, nem pretenções.

Audacioso, intelligente e perseverante, Fernão Mendes Pinto é o prototypo do espirito aventureiro dos portuguezes d'aquelle tempo glorioso.

Nos 21 annos que vagueou pela India, China, Japão e Sião naufragou, muitas vezes, treze vezes ficou prisioneiro de povos barbaros ou selvagens, e dezeseis vezes foi vendido como escravo.

Sahido do nada, pois era filho de gente humilde e pobre, e até foi durante alguns annos creado de servir, o illustre aventureiro e primoroso escriptor é um dos mais frisantes exemplos do quanto póde uma lucida e brilhante intelligencia ao serviço d'uma vontade tenaz e d'uma coragem persistente.

Não lhe soffrendo o animo a perspectiva de vegetar toda a vida no mister de creado de servir, embarcou para a India em 1537, aportando a Diu, e, seguindo logo d'ali para o estreito de Bab-el-Mandeb, metteu-se pela Arabia dentro, passou depois á Abyssinia, commerciando sempre.

Quando regressou á India, foi aprisionado pelos turcos, andou feito escravo, vendido e revendido, até que uns mercadores christãos o resgataram, levando-o para Ormuz, d'onde seguiu para Chaul e depois para Malaca com Pedro de Faria. Este, apreciando a sua alta intelligencia, encarregou-o de algumas missões diplomaticas de que elle se sahiu como era de esperar da sua finura e bom senso. No desempenho d'umas d'ellas foi porém novamente preso, valendo-lhe d'esta vez um mercador moiro que o resgatou e levou para Malaca onde o receberam festivamente pois já o julgavam morto.

A vida de Fernão Mendes Pinto passa-se, d'ahi em deante, n'uma série ininterrupta de naufragios, captiveiros e aventuras qual d'ellas a mais extraordinaria. N'uma d'essas cahiu de novo em poder dos piratas que o despojaram de tudo, assim como a um feitor de Antonio de Faria que levava comsigo uma grande quantia em dinheiro. Este jurou rehaver-se do roubo soffrido pelo seu feitor de que elle afinal fôra a verdadeira victima, e, juntando 55 homens entre os quaes Fernão Mendes Pinto, emprehendeu uma famosa campanha de pirataria nos mares da China e do Japão, praticando actos de bravura, atacando e conquistando cidades e cobrando contribuições e commettendo outros de crueza e ferocidade inauditas e actos de pirataria que indignaram todo o Extremo Oriente, como foi o roubo dos tumulos dos imperadores da China na ilha de Catempluy.

Depois d'estas façanhas, Fernão Mendes Pinto que n'ellas tomara parte ás ordens de Antonio de Faria,

naufragou mais uma vez, cahindo prisioneiro em poder dos chinezes que o levaram e aos seus companheiros para Pekin, onde foram todos feitos escravos.

Póde imaginar-se a vida de soffrimento d'esses homens reduzidos á dura condição de escravos e isolados no coração da China que ainda hoje, em pleno seculo XX, não é moradia segura para europeus.

Sobreveio entretanto a invasão dos tartaros que, derrotando os chinezes, pozeram em liberdade os escravos portuguezes, tanto mais que um d'elles, chamado Jorge Mendes, foi de util conselho junto de um dos generaes invasores, auxiliando-o na tomada de uma praça, pelo que os tartaros reconhecidos os deixaram partir para a Cochinchina em companhia de um embaixador que a este paiz enviaram. Pelo caminho porém succederam-se os contratempos e as aventuras e Fernão Mendes Pinto foi, com dois dos seus companheiros, Diogo Zeimoto e Christovão Borralho, parar ás costas do Japão, sendo o primeiro europeu que aportou áquelle imperio e d'elle trouxe circumstanciadas informações.

De regresso á India, encontrou-se em Malaca com S. Francisco Xavier ao qual se ligou por intima amizade e a quem entregou dois japonezes que comsigo trouxera, e que S. Francisco Xavier converteu ao catholicismo, prestando-lhe elles mais tarde inestimaveis serviços, quando o santo jesuita foi exercer o seu apostolado no Japão.

Chegado a Gôa, pouco tempo parou Fernão Mendes Pinto, pois em breve partia para o archipelago de

Sonda e para o reino de Sião, voltando a Gôa tempo depois.

Fernão Mendes Pinto era já então muito rico e decidiu regressar emfim a Montemór-o-Velho, sua terra natal. Emquanto porém esperava opportunidade de partida, ia todos os dias ao collegio dos jesuitas saber noticias do seu amigo ausente, S. Francisco Xavier, e receber as cartas que elle para ali lhe endereçava. Logo que os jesuitas souberam quem elle era, e de que avultados cabedaes era possuidor, não o largaram mais e, lisongeando-o, acariciando-o e interessando-se immenso pela narração das suas aventuras, cercaram Fernão Mendes Pinto de tantas attenções e affectos que elle já quasi não sahia do collegio. N'aquella atmosphera artificial o illustre viajante ia abstrahindo a pouco e pouco das suas aventuras e das suas relações mundanas para todo se entregar fervorosamente á adoração de Deus. A noticia inesperada da morte do seu querido amigo S. Francisco Xavier foi para elle um rude golpe, e a pompa das cerimonias religiosas com que o cadaver foi recebido em, Gôa fizeram no seu cerebro enervado fundissima impressão. Os padres, vendo-o quasi no ponto desejado, levaram-no para uma capella isolada n'uma ilha a pequena distancia da capital da India e ahi passaram alguns dias n'uma doce e meditativa contemplação da magestade divina. Aproveitando o ensejo, os jesuitas renovaram ahi os seus votos e então Fernão Mendes Pinto que assistia á cerimonia, succumbiu e em convulsivo chôro começou a gritar que queria entrar para a companhia e dar-lhe todos os seus bens.

Não deixaram os padres arrefecer aquelle enthusiasmo doentio e logo ali lhe fizeram pronunciar os seus primeiros votos.

Entretanto organisava-se uma missão jesuitica encarregada de continuar no Japão a obra de S. Francisco Xavier e Fernão Mendes Pinto decidiu acompanhal-a. Sabendo d'isso, o vice-rei D. Affonso de Noronha quiz aproveitar a occasião e o homem e pediu ao illustre aventureiro que se encarregasse d'uma determinada missão diplomatica n'aquelle paiz junto do *daimio* do Bungo. Fernão Mendes Pinto acceitou e, em consequencia d'isso, foi resolvido que só envergaria a roupeta jesuitica, quando fosse terminada essa missão. Doou os seus bens á companhia, reservando alguns para os seus parentes, e partiu. Mas ou porque a viagem lhe despertasse o seu espirito naturalmente aventureiro, ou porque, fóra da atmosphera artificial do collegio de Gôa, tão propria para lhe obscurecer o espirito, elle recuperasse a sua natural perspicacia e visse finalmente claro nas manobras dos padres, o que é certo é que, passado o anno de 1555 no Japão e terminada a sua missão, não houve maneira de o convencer a pronunciar os votos definitivos. Recusou-se a isso obstinadamente. Pois a companhia não se poupou a esforços e a artimanhas para tornar a prender nas suas rêdes o intrepido viajante; e, vendo que resultavam inuteis todas as suas tentativas, perseguiu-o d'ahi por deante com o seu odio feroz que n'aquelle tempo era muito para temer. A prova d'isso teve-a logo Fernão Mendes Pinto que recolhendo ao reino em 1558, esperou inutilmente, durante

quatro annos e meio, a recompensa requerida pelos seus grandes e valiosissimos serviços no Extremo Oriente, até que, desanimado, desistiu da pretensão e foi viver para Almada, escrevendo o seu formoso livro *Peregrinações* que, na sua modestia, nem sequer destinava á impressão, pois elle mesmo declara que o escrevera apenas para servir de cartilha a seus filhos. O illustre escriptor morreu em 1580 e as *Peregrinações* impressas só em 1614, constituiram o maior successo litterario do tempo e foram successivamente traduzidas em hespanhol, francez, inglez e allemão.

Tal foi Fernão Mendes Pinto do qual infelizmente não ficou retrato algum, razão pela qual não será dado aos nossos leitores contemplar os seus traços phisionomicos.

A sua biographia, essa aqui a deixamos esboçada com intima satisfação, conscios de que praticamos uma obra de justiça, popularisando na nossa revista que é principalmente destinada ao povo, um dos mais celebres portuguezes, prestante cidadão e grande patriota, prototypo do aventureiro portuguez d'aquella epocha gloriosa e, ao mesmo tempo, fino e delicadissimo escriptor que nos legou um dos mais bellos livros de que póde gloriar-se a litteratura nacional.

Como succede com todos os nossos grandes homens, tem sido muito esquecido, mas Fernão Mendes Pinto que honrou a Patria como os que mais a honraram, e do qual deve orgulhar-se a terra que o viu nascer, foi mais infeliz ainda que os outros, porque chegou a ser ridicularisado.

Uma ou outra vez lhe tem sido feita justiça e d'um

facto nos recordamos que muito honra quem o praticou. Ahi por 1895 o governador de Macau telegraphou ao ministro da marinha de então, Ferreira d'Almeida dizendo que por indicação do Leal Senado lhe pedia auctorisação para dar o seu nome a uma avenida nova d'aquella cidade. O ministro agradeceu, mas recusou, dizendo que tomava todavia a liberdade de lembrar para a referida Avenida o nome do grande portuguez que se chamou Fernão Mendes Pinto, e que do Extremo Oriente fez theatro das suas estraordinarias façanhas, o que representaria, accrescentou o ministro, um justo preito de homenagem e reconhecimento.

COISAS VÁRIAS

Modo de cumprimentar de differentes povos

Há quem diga, e com certos visos de verdade que o caracter dos povos se conhece pela maneira de cumprimentar.

No Oriente as formulas de cumprimentar teem como que um perfume de simplicidade primitiva. São quasi todas ellas baseadas n'um sentimento religioso e exprimem, em fórma de oração, o voto que a pessoa faz de que aquella a quem se dirige, disfructe tranquillidade e socego, soberano bem e a primeira das necessidades d'este mundo.

«Seja bom o teu dia, diz o arabe. Talvez sejas um feliz! Se Deus o quizer, tu estás bem!»

Os turcos fazem uma alta idéa da Providencia e invocam-n'a, não só nas suas relações sociaes, como nas circumstancias mais solemnes da sua vida, mas as suas phrases parecem frias, quando as comparamos a essas torrentes de cumprimentos que nos atira o persa:

A phrase «não possa a tua sombra diminuir jámais»,

caracterisa bem o pensamento dominante do homem n'essas regiões abrasadoras, onde a luz brilha intensàmente e as sombras, se destacam nitidamente, n'essas regiões em que o leque e o guarda-sol são insignias de alta herarchia.

Os egypcios têem uma fórma de cumprimentar que está tambem perfeitamente de accôrdo com o seu clima: «Como vae a transpiração? Transpira muito?». E, com effeito, debaixo d'aquelle céo de fogo, a transpiração é a vida.

O cumprimento dos chinezes é delicadamente gastronomico: «Comeu o seu arroz? Como vae o seu estomago?».

O cumprimento grego é todo jovial e affectuoso: «Divirta-se».

O cumprimento dos romanos primitivos era baseado na idéa da força corporal: «Salve, vale»! Passae bem, sêde forte.

Os genovezes dizem: «Saude e ganho».

«Crescite in santatità», diz o napolitano devoto.

«Sou vosso escravo», diz o piemontez.

«Ide com Deus», murmuram os hespanhoes.

«Como vae?», dizem os francezes.

O cumprimento ordinario do allemão, é: «Como vae elle?». *Elle* e não *você*.

O cumprimento authentico do hollandez, é: «Como viaja?», fórmula que caracterisa o espirito commercial d'este povo.

Os dinamarquezes empregam o «Viva bem!», que parece indicar habitos positivos.

Na Suecia, diz-se: «Deus seja louvado!».

Os inglezes, usam: «Como passa?» e o escossez: «Como vae tudo lá em casa?».

A raça slava tem por fórma ordinaria a palavra *nui* (paz).

Na Polonia, emprega-se, fallando a um superior, uma phrase, cuja traducção litteral é a seguinte: «Cahimos a seus pés»!

Se reunissemos no mesmo recinto habitantes das diversas regiões da terra, e que cada um cumprimentasse a seu modo, assistiriamos a scenas infinitamente desopilantes.

O habitante de Palaos e o natural de Lemurec pegariam reciprocamente n'um dos pés e com elle esfregariam a cara.

O insular de Socotorá beijaria o hombro d'aquelle que quizesse cumprimentar e o habitante de Horuc deitar-se-ia no chão, de barriga para baixo.

O marianez passaria a mão sobre o estomago do ayenis e este assoprar-lhe-ia no ouvido, emquanto que o habitante das grandes Cyclades lhe deitaria agua sobre a cabeça.

Uma mulher da Costa do Ouro, querendo cumprimentar a assistencia, tiraria o pente de dois bicos que ella traz na cabeça. Um japonez descalçaria as pantufas. Um laponio encostaria com força o seu nariz na testa do seu camarada; um chinez approximar-se-ia mexendo as duas mãos cruzadas sobre o peito e dizendo, baixando um pouco a cabeça: «Tsin, tsin».

Todos se ririam sem duvida uns dos outros. Cada um julgaria a sua maneira de cumprimentar mais simples e natural.

E nós, a quem estes diversos usos parecem tão ridiculos, consideral-os-iamos talvez muito rasoaveis se d'elle conhecessemos o verdadeiro significado.

A sexta-feira 13

A sexta-feira, que era festejada pelos romanos como sendo consagrada a Venus, tornou-se um dia aziago.

Não será difficil encontrar a origem d'esta superstição. E' a data da morte de Christo. E é tambem por terem sido 13 os convivas da ultima ceia que alguns temem encontrarem-se 13 á meza.

Os supersticiosos não devem porém envergonharse. O proprio imperador Napoleão temia o numero 13. Esquecia-se de Vendémiaire.

Um dia, em Malmaison — estamos no Consulado — Bonaparte passeava com Monge no jardim, quando lhe vieram communicar estar o jantar na meza. O mathematico despediu-se do primeiro consul e dirigia-se já na sua carruagem para Paris, quando em Rueil um guia, chegando a todo o galope, lhe pede para voltar para traz. Intrigado, o illustre sabio accede promptamente ao convite. Introduziram-no na casa de jantar. Josephina offereceu-lhe um logar a seu lado, emquanto Bonaparte, um pouco constrangido, se desculpava d'um convite feito tão bruscamente.

— Eram treze á meza, disse Mouge sorrindo-se. Acredita pois n'essas cousas, general?

O Primeiro Consul fingiu não ouvir e mudou de conversa.

O livro mais pequeno que existe

Um habitante de Londres, o sr. Plant, possue actualmente o mais pequeno livro que se conhece. Este curioso volume é formado de 100 folhas do mais fino papel de arroz; cortadas em fórma de octogono, medindo de lado a lado doze millimetros e meio, brochadas juntas e cobertas com uma capa de seda muito luxuosa.

A obra é manuscripta e a calligraphia, d'uma extrema finura, é d'uma nitidez e perfeição notaveis.

Este curioso bijou calligraphico está guardado preciosamente n'um estojo de tampa de crystal.

O texto é d'uma collecção de «Kathas» ou cantos sagrados Brahmas Maharattes da India, e é inteiramente escripto em linhas maharates, com uma tinta d'um bello negro, tendo cada pagina uma margem em vermelhão.

Este maravilhoso manuscripto, cuja proveniencia se desconhece, foi roubado a Chanzy, na revolta dos Cipais, por um soldado inglez, que o cedeu mais tarde ao sr. Plant.

As batutas dos maestros

Muito se tem escripto sobre a famosa batuta de que se servia Lulli para dirigir a sua orchestra; antes d'elle, os regentes dirigiam marcando os tempos com os pés e mãos, gritando as indicações. O primeiro que empregou uma batuta foi, pois, Lulli, que se

servia, segundo dizem, d'um pau enorme, com pouco menos de 2 metros de comprido.

O celebre compositor morreu d'uma paulada dada por si proprio com tão grande batuta. Um dia que indicava um movimento com bastante rigor, deixou cahir o cacete-batuta sobre um pé. N'esta época, a medicina era rudimentar, o pé gangrenou e Lulli falleceu passado pouco tempo. Data depois d'isso o emprego das batutas mais modestas e menos perigosas.

Conta-se tambem que Mugnone, chamado a dirigir uma partitura bastante mediocre, bateu com tanta força com a batuta sobre a estante que a partiu em dois pedaços. Continuando a bater o compasso com o pedaço mais pequeno que lhe ficava na mão, declarou em voz alta:

— Para uma tal musica, basta este pausinho.

Palestra scientifica

Trovoadas

No dia 23 desencadeiou-se sobre a cidade de Lisboa uma formidavel trovoada, como de ha muito não havia memoria e que teve os habitantes justamente sobresaltados, tanto mais que entre o povo correm, como certas, falsissimas noções d'aquelle phenomeno atmospherico e até preconceitos e superstições ridiculos. Sendo o *Cosmos* especialmente destinado ao povo, julgamos dever aproveitar a opportunidade que o acaso nos deparou, para lhe explicar que a trovoada é um phenomeno que nada tem de sobrenatural ou mysterioso; e começaremos por uma ligeira explicação da formação das nuvens sem as quaes aquelle phenomeno não póde produzir-se.

Evaporação — Formação das nuvens — Chuva

A agua passa ao estado de vapor por dois processos, ebullição e evaporação. O primeiro toda a gente tem observado; a agua ferve a uma temperatura que varia segundo a pressão atmospherica, e passa rapidamente ao estado de vapor; á pressão de 760^{mm} ferve á temperatura de 100 graus centigrados, au-

gmentando ou diminuindo com a pressão a temperatura necessaria para a ebullição.

Pela evaporação passa a agua ao estado de vapor muito lentamente; o phenomeno é invisivel e só póde ser apreciado por medição. Não são ainda rigorosamente conhecidas as leis pelas quaes se rege, mas sabe-se que n'uma superficie de agua exposta ao ar livre a evaporação augmenta com a temperatura e com a velocidade do vento e diminue com o accrescimo da humidade e da pressão do ar.

A atmosphera contem sempre uma certa quantidade de vapor de agua, mesmo nos dias mais bellos e de sol ardente, proveniente da evaporação da agua dos mares, dos lagos e dos rios. O sólo que está sempre mais ou menos humido, os vegetaes e até a respiração dos homens e dos animaes fornecem tambem á atmosphera uma certa quantidade de vapor de agua.

Quando um determinado espaço de ar contem todo o vapor de agua que é susceptivel de conter, diz-se que está *saturado*, mas a quantidade de vapor de agua necessaria para saturar o ar varia com a temperatura. O ar apparentemente mais secco pode ser levado ao ponto de saturação sómente por abaixamento de temperatura, assim como o ar mais humido póde tornar-se, sem perda alguma de vapor de agua, relativamente secco só por augmento de temperatura.

Se o ar não offerecesse resistencia á circulação do vapor d'agua e as camadas atmosphericas se conservassem em repouso, haveria duas atmospheras independentes, uma de vapor d'agua e outra de ar.

Felizmente para nós, a resistencia d'este á circulação do vapor de agua e os movimentos da atmosphera obrigam-no a espalhar-se, como é necessario, para o natural equilibrio atmospherico.

Ora, entre os movimentos da atmosphera, tem especial importancia as correntes de ar ascendentes, devidas ao aquecimento das camadas inferiores em contacto com a superficie do globo e que, carregadas de vapor d'agua, vão caminhando, ao passo que se elevam e visto que a temperatura vae diminuindo, para o seu ponto de saturação que será attingido a uma certa altura. D'ahi por deante, como a temperatura continua diminuindo, principiará o vapor d'agua a condensar-se, dando origem á formação das nuvens que não são mais que enormissimas agglomerações de pequenissimas gotas de agua, fluctuando na atmosphera, ou de finissimas agulhas de gelo, quando as correntes ascendentes vão até alturas onde a temperatura é zero e faz congelar o vapor de agua. Estas são portanto as nuvens das mais altas regiões atmosphericas, que se nos apresentam com uma côr branca de neve, e aquellas são as das baixas regiões.

Do que fica dito se infere tambem que o limite inferior da região das nuvens é variavel, pois depende da temperatura necessaria para fazer chegar o ar ao seu ponto de saturação, e que é mais elevado de verão que de inverno, pois que, n'aquella estação é mais alta a temperatura das differentes camadas atmosphericas.

Obedecendo ás leis da gravidade, as nuvens tendem constantemente a approximar-se da superficie

da Terra, mas esse movimento é muito vagoroso, devido á resistencia que lhe offerecem as camadas de ar inferiores e as correntes ascendentes. A gravidade actua egualmente sobre cada uma das pequenissimas gotas de agua ou agulhas de gelo que constituem as nuvens e devido a essa acção, essas gotas ou agulhas de gelo estão constantemente cahindo até ás camadas de ar de temperatura sufficiente para as evaporar, espalhando-se ellas então na atmosphera no estado de vapor de agua para, logo que se encontrem em condições favoraveis, formarem novas nuvens. Vê-se pois que na atmosphera fluctuam nuvens, ha sempre chuva ou neve, cahindo muito lentamente, entre a região que as nuvens occupam e a camada de ar inferior que tiver uma temperatura sufficiente para effectuar a evaporação das pequenissimas gotas de agua. Por isso nós, observando por algum tempo uma nuvem, mesmo em tempo calmo, notamos que ella muda constantemente de aspecto.

Para que a chuva ou a neve cheguem á superficie da Terra é necessario que se produza um resfriamento tal que as pequenissimas gotas de agua ou agulhas de gelo, reunindo-se umas ás outras, formem corpos de maiores dimensões que, pelo consequente accrescimo de peso, não possam continuar a fluctuar na atmosphera, e que, pelas suas dimensões, não possam ser evaporadas, na totalidade, pelas temperaturas das camadas inferiores.

Electrisação das nuvens — Raios, relampagos e trovões

Diversas hypotheses teem sido apresentadas para explicar a electrisação da superficie do solo e do ar. Não nos demoraremos a mencional-as. Basta que saibamos que experiencias numerosas demonstraram que se uma massa de agua dôce se separa em gotas, como n'uma cascata, por exemplo, estas se electrisam positivamente e a camada de ar que as rodeia, fica com uma quantidade egual de electricidade negativa; chegando as gotas ao sólo, espalha-se n'elle a electridade positiva que ellas levam, emquanto o ar fica electrisado negativamente. Este phenomeno produz-se quando ha chuva. Com a agua salgada dá-se o contrario; as gotas que constituem aquillo a que se chama a *surriada*, das vagas do mar, electrisam-se negativamente, emquanto que o ar que as rodeia, se carrega de egual quantidade de electricidade positiva; cahindo as gotas, a sua electridade negativa espalha-se na superficie do mar, ficando o ar electrisado positivamente.

Além, pois, da quantidade inicial de electricidade que a Terra póde ter, desde a sua formação, diversos phenomenos desenvolvem constantemente novas quantidades de electricidade que se espalham á superficie do sólo ou na massa atmospherica e, reconhecida a existencia d'estas quantidades de electricidade, torna-se facil explicar a electrisação das nuvens a qual póde fazer-se de maneiras muito differentes, avultando todavia as condições da formação

das mesmas nuvens, os phenomenos de influencia e a acção dos raios solares sobre as nuvens constituidas por agulhas de gelo.

Quando uma nuvem se forma n'um certo espaço por condensação do vapor de agua, as pequenas gotas relativamente conductoras que a constituem, ficam com toda a electricidade primitivamente contida no ar e, por mais fraca que seja a quantidade de electricidade que o ar possuia na sua massa, por metro cubico, essa quantidade póde bastar para dar ás gotas uma carga apreciavel. E' facil a demonstração d'isso, mas desnecessaria aqui, porque se concebe facilmente que uma quantidade de electricidade, mesmo muito fraca, contida primitivamente n'uma certa massa de ar e depois concentrada á superficie de gotas que conjuntamente occupam um volume muito menor que aquella massa de ar, possa dar ás gotas uma carga e *potencial* apreciaveis. Além d'isso o *potencial* das gotas, para uma mesma massa total de agua e para a mesma quantidade de electricidade, augmenta rapidamente com o diametro das gotas, Se, com effeito, se reunem duas gotas de agua eguaes, o volume resultante é duplo, mas a superficie é apenas cerca de oito decimos da somma das superficies das duas gotas; a carga electrica por unidade de superficie e, por consequencia, o *potencial* da gota de agua resultante, são maiores.

A quantidade total de electricidade que uma nuvem toma ao ar, na occasião da sua formação, depende sómente da electrisação do ar contido n'esse espaço, mas o *potencial* das gotas que constituem a

nuvem, póde ser muito differente, segundo as condições em que se operou a condensação; fraco nas nuvens constituidas por gotas muito finas e muito elevado nas nuvens provenientes d'uma condensação muito rapida com gotas relativamente grandes, como succede nas nuvens de mau tempo.

Os phenomenos de influencia teem tambem uma parte consideravel na electrisação das nuvens. Uma nuvem collocada no campo electrico da Terra, electrisa-se por influencia, positivamente na parte inferior virada para o sólo que está carregado de electricidade negativa, e negativamente na parte superior. Se a nuvem se divide então em varias partes, cada uma d'estas poderá possuir apenas uma especie de electricidade positiva ou negativa; ou, ainda, se a parte inferior da nuvem, submettida á influencia da Terra, cáe no sólo em chuva, fica na atmosphera a outra metade electrisada negativamente. Se uma nuvem encontra no seu caminho uma montanha, fica ao potencial do sólo e, quando se affastar, irá n'um estado electrico muito differente das camadas de ar e das outras nuvens que a rodeiam. Acções identicas poderão produzir-se tambem entre nuvens electrisadas positiva ou negativamente.

Os phenomenos de influencia dão pois, indifferentemente, origem, segundo os casos, á electrisação positiva ou negativa das nuvens.

Vamos vêr a acção dos raios do sol.

Sabe-se que os raios ultra-violetas, incidindo sobre um conductor metallico electrisado negativamente, descarregam-se espontaneamente, ao passo que ne-

nhuma influencia exercem sobre a electrisação positiva.

Ora o gelo perfeitamente secco comporta-se tal qual como os metaes, relativamente aos raios ultra-violetas que, pelo contrario, nenhuma acção teem sobre a agua ou sobre o gelo humido; e as agulhas de gelo a muito baixa temperatura, e portanto bem secco, que constituem as nuvens mais altas da atmosphera, electrisam-se, por influencia, positivamente n'uma extremidade e negativamente na outra. Por outro lado, os raios do sol encerram uma grande proporção de radiações violetas nas regiões elevadas da atmosphera, nas quaes essas radiações não soffreram ainda uma grande absorpção. Se, portanto, essas radiações incidirem sobre as extremidades das agulhas de gelo electrisadas negativamente, determinarão a descarga d'esta especie de electricidade e a nuvem ficará electrisada positivamente, podendo produzir phenomenos de influencia, quando sahir da camada de ar que a rodeava e que se acha electrisada negativamente pela descarga determinada pelos raios ultra-violetas.

Conclusão: as nuvens podem, segundo as circumstancias, estar carregadas de grandes quantidades de electricidade, positiva ou negativa, e em potenciaes muito differentes umas das outras e do solo.

Ora, quando dois corpos electrisados a potenciaes differentes se approximam a uma distancia sufficiente, produz-se entre elles uma descarga brusca sob a fórma d'uma faisca.

A distancia maxima á qual se póde produzir a fais-

ca depende da fórma dos corpos em presença e da sua differença de potencial; essa distancia augmenta, porém, consideravelmente com a differença de potencial, de modo que a faisca póde attingir um grande comprimento para differenças de potencial relativamente pequenas.

Comprehende-se então que possa produzir se uma descarga, sob fórma de faisca, entre duas nuvens de potenciaes differentes ou entre uma nuvem electrisada e o sólo, embora seja muito grande a distancia. Essa descarga brusca, atravez do ar, é o *raio*; a luz que produz é o *relampago* e o ruido que a acompanha, devido á sua passagem instantanea atravez da atmosphera, é o *trovão*.

Quem se achar proximo do local onde cae o raio, ouve um só som, secco e violento, como o de uma explosão, mas, a certa distancia, esse ruido é um rolamento prolongado que ora se enfraquece, ora se reforça.

As causas d'este rolamento são varias Em primeiro logar, o raio tem um grande comprimento e uma fórma muito sinuosa, de modo que o som produzido pelas suas diversas partes não chega ao mesmo tempo aos ouvidos d'um observador collocado a distancia. A esta causa juntam-se os echos produzidos pela reflexão do som nas nuvens e no sólo e que são o principal factor do prolongamento e do reforçamento do som. Finalmente o raio não se compõe, em geral, d'uma só descarga.

As nuvens são grandes agglomerações de massas semi conductoras, mais ou menos separadas umas

das outras, de sorte que, quando se dá a primeira descarga, é a electricidade espalhada na peripheria da nuvem que produz o raio, mas, rôto bruscamente o equilibrio existente entre as differentes partes da nuvem, produzem-se entre estas outras descargas secundarias, cujo ruido concorre para o prolongamento e reforçamento do som da principal E' em virtude d'estas descargas secundarias que ás vezes se ouvem trovões que começam por um rolamento surdo, seguido d'um violento ruido ao qual se succedem numerosos rolamentos; é que, ás vezes, o ruido das descargas secundarias precede o da principal.

O raio é um longo traço de fogo de côr branca, muito viva e brilhante, de fórma muito irregular; é uma longa fita sinuosa formada de partes curvas em todos os sentidos, com muitas ramificações do traço principal.

As sinuosidades do raio explicam-se pelas variações da resistencia do ar e pela presença na atmosphera de materias mais conductoras que outras e que facilitam a descarga.

Muitas vezes o traço de fogo é unico, outras parece dividir-se em duas partes principaes, mas é difficil affirmar se esses dois ramos pertencem á mesma descarga ou a duas descargas successivas com pequeno intervallo.

A duração do raio parece apreciavel, mas isso é apenas uma illusão devida á persistencia das impressões luminosas na nossa retina. Medições directas e conscienciosas demonstraram que essa duração é apenas de um millesimo de segundo!

Se se contar o numero de segundos que decorre desde que se avista o relampago até começar a ouvir-se o trovão e se multiplicar esse numero pela velocidade do som, tem-se a distancia do local onde se produziu o raio, ao observador.

Na pratica, como a velocidade do som anda por 333 metros por segundo, basta dividir o numero de segundos decorridos por 3, para se ter a distancia em kilometros.

Não queremos terminar sem nos referirmos aos relampagos chamados vulgarmente *de calor*, que muitas vezes se observam no horizonte, n'um céo sem nuvens.

A denominação que se lhes dá, não tem fundamento algum.

Se tivermos o cuidado de observarmos a hora e a direcção em que são vistos, viremos a saber mais tarde que n'essa direcção passou, a grande distancia, uma tempestade.

Com effeito, os relampagos, impropriamente chamados *de calor*, não são mais que o reflexo no céo de relampagos produzidos por descargas, entre nuvens, a tão grande distancia de nós que ficam abaixo do nosso horisonte.

Em resumo: Uma trovoada é um phenomeno natural, de origem electrica e de simples explicação que não deve infundir grandes receios, porque a grande maioria das descargas produz-se entre as nuvens, e portanto não nos póde attingir, e ainda porque as que se dão entre as nuvens e a terra, dirigem-se de preferencia aos pontos mais elevados d'esta

como arvores altas, torres de egrejas, etc. Além d'isso, a queda d'um raio n'uma casa não causa *forçosamente* a morte dos moradores; o que é mais para temer são os prejuizos materiaes, que de ordinario são importantes.

As probabilidades de desastres pessoaes não são maiores que aquelles a que diariamente estamos sujeitos nos riscos de incendio, nas viagens em caminhos de ferro, nos electricos, nos vapores, etc.

Os habitantes de Lisboa, sobretudo, pódem estar socegados com respeito aos perigos d'uma trovoada, porque as consequencias relativamente insignificantes do dia 23 provam que a cidade está bem defendida contra ellas.

Em todo o caso, o que as pessoas timoratas devem fazer primeiro, quando ouvem uma trovoada, é ver, pelo processo que acima apontamos, se esta se approxima ou se affasta d'ellas, porque n'este ultimo caso ficam logo socegadas.

E mais uma observação apenas. Muitas pessoas assustam-se principalmente com o ruido do trovão. Não tem razão de ser o susto. Quando se ouve o trovão já o perigo d'essa descarga vae passado.

Os grandes paizes e as grandes cidades

Imperio colonial inglez — O Egypto

A historia do Egypto perde-se na noite dos tempos, para usar a phrase consagrada, e muito pouco conhecemos d'ella. Outr'ora foi o centro da civilisação do mundo e quando cahiu sob o dominio dos persas, no anno 525 antes de Jesus Christo, já o Egypto contava cerca de 5.000 annos de historia. Já então seguia no declive da decadencia d'uma civilisação brilhante que teve um cunho especial de grandeza, que ainda hoje podemos admirar nos collossaes monumentos que nos legou e que espantam pela audacia da concepção e harmonia de proporções. Todas as manifestações d'essa antiquissima civilisação são grandiosas, parecendo que a arte egypcia, sem lhe faltar a sciencia nem a imaginação, se propunha sobretudo a impressionar pela imponencia das dimensões, pela duração, pela grandeza.

No seu principio o Egypto foi uma theocracia. Tribus nomadas, vindas não se sabe bem d'onde, fixaram-se no territorio e fundaram a cidade de Thebas. Eram governadas por padres que constituiam a casta superior, seguindo-se-lhe a casta dos guerreiros e de-

pois a da nação trabalhadora e soffredora, opprimida pelos padres e contida na ordem pelos guerreiros.

Um dia, porém, um guerreiro mais fogoso, Menés, pôz se á frente dos seus, revoltou-se contra os padres, instituiu a realeza pharaonica. Passou-se isto 6.000 annos antes de Jesus Christo e durante 3.800 annos succederam-se os reis e as dynastias, alargando os limites dos seus dominios, cujo progresso caminhava a passos agigantados e ficava attestado em grande numero de formidaveis monumentos, entre os quaes as celebres pyramides de Dakschour, Sakkarah e Gizeh, tumulos dos pharaós, construidas no tempo da terceira dymnastia.

Mas, 2200 annos antes de Christo, uma invasão de hordas asiaticas destruiu as cidades, arrazou ou mutilou os monumentos, expulsou os pharaós, collocando no throno, com o mesmo titulo, o seu chefe. Foi o quarto d'estes novos pharaós que teve como ministro o celebre José, filho de Jacob, o qual pela sua administração honesta, intelligente e sensata fez reinar no Egypto a abundancia e o bem-estar e depois chamou para alli seus irmãos que constituiram o tronco do povo hebreu.

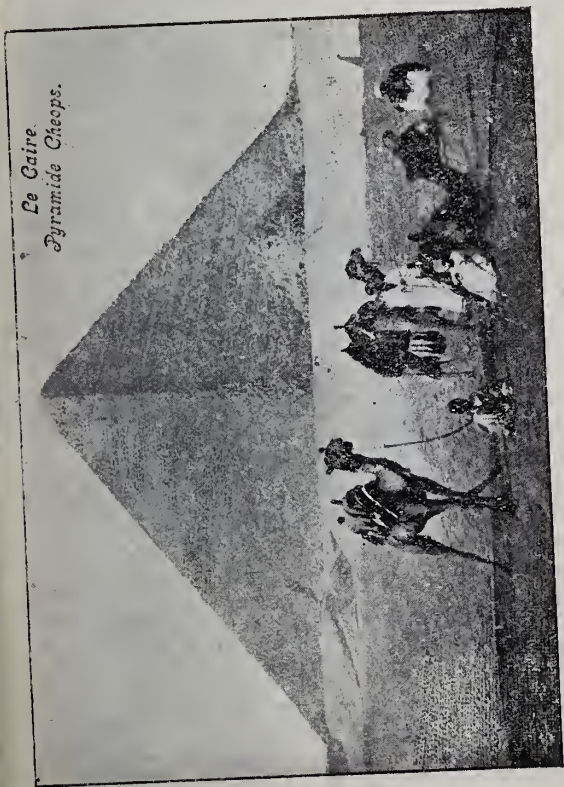
Passados tempos, uma revolta, capitaneada por um descendente dos antigos pharaós, Ahmés, expulsou os usurpadores, dedicando-se inteiramente, assim como os seus descendentes, ao progresso do seu paiz, reconstruindo os monumentos, executando collossaes trabalhos de irrigação, emprehendendo expedições longinquas, com as quaes submetteram ao seu dominio a Syria, a Babylonia, a Abyssinia e o Sennaar. Foi

A rua de Mourand pachá

ordinario alcance e que transformariam por completo o Egypto se os seus successores tivessem proseguido n'essa obra reformadora e salutar, organisou um exercito e uma marinha que, em guerra contra a Turquia, sahiram victoriosos, conquistando as ilhas de Chypre e Creta e a Syria, e conquistariam Constantinopla, se a Europa não tivesse intervindo, obrigando Mehemet Ali a restituir as suas conquistas. dando-lhe em troca o reconhecimento do sultão da hereditariedade da sua familia no throno do Egypto.

Um dos seus successores, Ismail Pachá, obteve mais tarde da Turquia o titulo de khediva, que ainda hoje usam os vice-reis do Egypto os quaes, antes do protectorado inglez, gosavam d'uma quasi completa independencia, pois que a suserania da Turquia apenas se fazia sentir na obrigação do pagamento annual d'um tributo e na investidura dos khedivas, o que era mera formalidade.

O descalabro das finanças, apoz a morte de Mehemet Ali, cujos successores não possuiam os predicados d'aquelle notavel organisador, avolumando-se successivamente, deu em resultado a falta de pagamento dos juros da divida externa, e, como consequencia, a perda total do credito nas praças da Europa e a intervenção d'uma das potencias mais directamente interessadas.

Em 1882 bombardeou a Inglaterra os fortes de Alexandria e pouco depois tomava conta da administração do Egypto, com o pretexto de pôr em ordem as finanças d'aquelle mal administrado paiz. A França, que não quiz associar-se á intervenção, quando viu a

Pyramide Cheops (Cairo)

mercio é representado por 9.214.000 libras de importação e 12.729.000 libras de exportação, na qual o algodão tem logar preponderante.

As receitas orçam por 10.865.000 libras, das quaes é preciso deduzir 665.041 de tributo á Turquia, que a Inglaterra tem feito pagar integralmente, e a divida publica monta a 103.863.000 libras.

As cidades principaes do Egypto são o Cairo e Alexandria. A primeira é a capital do Estado e a segunda o seu principal porto de commercio. O Cairo tem 600.000 habitantes e é a maior cidade africana e a maior das cidades arabes, a 1800 metros do Nilo, da qual se elevam magestosamente cerca de 400 minaretes, avistando-se de longe acima das casas que bordam as ruas tortuosas, estreitas e sombrias, mas frescas, a ramaria de centenares de cyprestes e coqueiros. Lá muito ao longe, no horisonte, para as bandas de Gireb, as pyramides, — collossaes monumentos, 40 vezes seculares, os mais antigos que a humanidade conhece, guardando nos seus antros labyrinticos as mumias dos pharaós e dos animaes considerados outr'ora pelo povo egypcio como deuses. A maior, a de Cheops, mede 137 metros de altura, dizendo-se que n'outro tempo tinha 150, e representa um volume de pedra de 2,5 milhões de metros cubicos. Um pouco mais a montante do Nilo, perto do logar onde out'rora se elevou a cidade de Memphis que herdou de Thebas a primazia sobre as cidades do paiz, no limite de bellas e vastas florestas de coqueiros e tamareiras, ergue-se sobranceira ás primeiras dunas do deserto a pyramide de Sakkarah, a mais antiga de todas,

tumulo dos pharaós que de Memphis fizeram a sua capital.

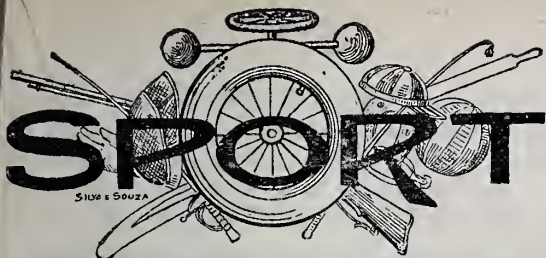
Ao lado das pyramides ergue-se a Sphinge, enorme face humana sobre um começo de tronco, hoje um pouco arruinada pela velhice, muitas vezes secular, esboçada pela natureza n'uma rocha de grés e aperfeiçoada pelo homem.

Alexandria é uma bella cidade de 320.000 habitantes de differentes nacionalidades, arabes, levantinos, gregos, italianos e francezes, edificada entre o Mediterraneo e o lago Mareotis, na embocadura do canal de Mahmoudieh, um dos que formam o delta do Nilo.

E' um porto commercial de grande movimento.

Outras cidades ha ainda no Egypto relativamente importantes, como Tanta, de 57.000 habitantes, Damietta, de 31.000 habitantes, e as que surgiram ou prosperaram, como por encanto, apoz a abertura do canal de Suez; Port Saïd, por exemplo que tem o aspecto de uma enorme feira permanente, Ismaïlia á borda dos Lagos Amargos, cercada de palmeiras, tamareiras e coqueiros, como um oasis no deserto de areia, que se estende a perder de vista dos dois lados do canal, e Suez na embocadura do canal do lado do Mar Vermelho.

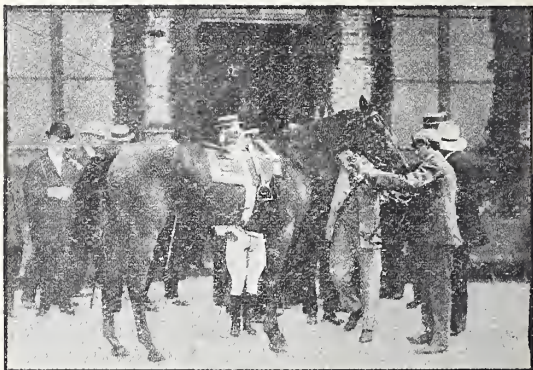
Ao sul do Egypto, propriamente dito, estende-se a Nubia, banhada tambem pelo Nilo, que torna fecundissima a terra sob um calor torrido que chega muitas vezes a 50° á sombra, dizendo-se até que sobre a areia, sem outro calor que o do sol, se pódem fazer cozer os alimentos.

Mas se o calor é assim ardente durante o dia, de

No estrangeiro

HIPPISMO

Realisaram-se em Chantilly, no meio d'um grande enthusiasmo e d'uma enorme concorrencia de gente, as corridas de cavallos que constavam de duas provas, uma para machos e outra para femeas, potros e poldras de dois annos, disputando o *prix* La Rochette.

Entre a maioria dos espectadores não havia duvidas de que a victoria, tanto n'uma como n'outra prova, pertenceria a alguns dos productos de Flying Fox, de ha muito habituados a vencer, mas d'esta vez a espectativa foi completamente illudida, pois em ambas as provas a victoria pertenceu a dois bellos exemplares, ambos de ascendencia estrangeira, creados e educados por distinctos *sportmen*, o conde Gerard de Ganay e Vanderbilt. Este é o actual proprietario de *Schuyler*, vencedor da prova para os machos, e aquelle da *Scabieuse*, vencedora da prova para as femeas.

No domingo seguinte disputaram-se com não menos enthusiasmo os dois *criterium*, de machos e de femeas, e causou grande surpreza a victoria de *Agadir*, propriedade do barão Gourgaud, não porque não seja um excellente potro, mas pela extraordina-

Corridas de Chantilly — *Scabieuse*, vencedora do *prix de La Rochette*

ria facilidade com que alcançou a sua victoria, tendo concorrentes de grande valor.

O *criterium* das femeas foi ganho por *Scarlet*, propriedade do conde de Marois, magnifica poldra nascida em 1905, falta de elegancia e graça, mas d'uma robustez excepcional que lhe assegurará uma carreira victoriosa. O *criterium* foi ganho por ella com muita facilidade, mas não tinha, como *Agadir*, concorrentes de valor.

Em Bade foi disputado o *Grand prix*, cabendo a victoria a *Hammurabi*, *pur sang* inglez, magnifico galopado.

*

* *

O concurso hippico de Trouville-Deauville realizou-se no hippodromo de Deauville, o que prejudicou um pouco a variedade dos obstaculos, por ser

Concurso hippico de Deauville — O cavallo *Riveraine* no salto da barreira

impossivel n'uma pista de hippodromo arranjar mais que quatro ou cinco combinações já muito vistas e banaes. A Sociedade não dispunha, porém, dos meios

pecuniarios bastantes para fazer uma pista propria de concurso, por mais economica que fosse, e viu-se forçada a servir-se do hippodromo, que de mais a mais lhe foi gentilmente cedido pela Sociedade das corridas.

Segundo o programma, os cavallos tinham que dar uma volta completa á pista, franqueando todos os obstaculos e eram classificados segundo o menor intervallo de tempo gasto no percurso. Dois *steeple-chasers* conhecidos, *Cabecilla* e *Mon*, alcançaram os dois primeiros logares em concorrencia com verdadeiros cavallos de concurso, como *Daisy's Joy* e *Guyenne*.

As provas dos obstaculos habituaes nada offereceram de novidade.

No *prix* de *Trouville*, que abriu o concurso, tomaram parte todos os cavallos montados por *gentlemen* sem condições restrictivas e apenas com uma vantagem em favor dos cavallos que já tivessem disputado um *prix de l'élevage* da Sociedade hippica franceza.

Esta prova de abertura foi ganha por *Homonyme*, admiravelmente montado pelo conde de Massa.

No segundo dia a prova de *gentlemen* foi reservada pora os cavallos que não tivessem chegado a ganhar ainda dois mil francos, e o publico pôde assim apreciar estes desherdados da fortuna, alguns dos quaes, os quatro ou cinco primeiros, não commetteram, de resto, uma só falta em todo o percurso, bastante difficil. Ganhou esta prova *Bila* muito bem montada por Saint Martin.

No terceiro dia, o *Grand prix de Trouville*, de tres mil francos, foi ganho por *Jubile*, montado por Bérille.

AUTOMOBILISMO

O circulo de Brescia despertou como sempre um grande enthusiasmo. E' uma das provas classicas do automobilismo internacional.

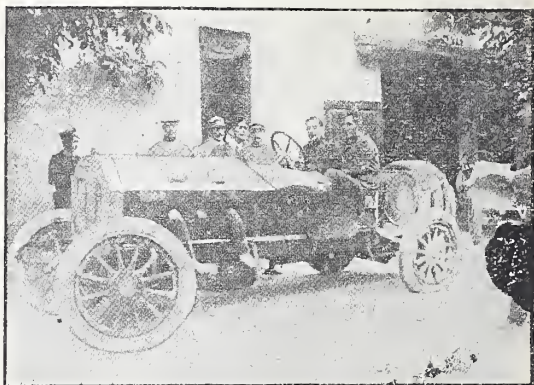
Graças ao energico apoio do Automovel Club de Milão, o circuito póde realizar-se apezar das grandes difficuldades que houve a vencer, uma das quaes, a maior talvez, foi a recusa do governo italiano, recusa natural, de resto, de pôr o exercito á disposição do *Cercle* para a guarda do circuito. Esta teve que, ser feita por 1.100 cyclistas que de boa vontade se prestaram a esse serviço nos 60 kilometros e 795 metros do percurso sinuoso e accidentado.

Foram duas as provas. A primeira, reservada para os carros que correm segundo o regimen da *taça* de Taunus, e a segunda para os carros de velocidade, sem restricções para os constructores, mas de consumo limitado a 30 litros por 100 kilometros.

A um signal dado ás 5 horas e meia da manhã partiu Duray n'um carro Lorraine Diétrich, e, de dois em dois minutos, succederam-se as partidas dos 14 concorrentes.

O circuito é pequeno, de modo que ás primeiras voltas era difficil aventurar um prognostico sobre quem recahirá a victoria.

A' quinta volta, os francezes Duray, no Lorraine

Dietrich e Shepart, n'um carro Bayard Clément, precedem os italianos Fabry e Cagno. N'essa altura choveu e a estrada do circuito ensopou-se e encheu-se de lama.

Circuito de Brescia — Cagno, vencedor, no seu carro *Itala*

Os francezes, desprevenidos contra essa eventualidade, começam a perder terreno, emquanto os italianos avançam.

D'ahi a pouco o carro de Shepard soffreu uma avaria, ficando ferido o *chauffeur*. Duray, por seu lado, soffre tambem uma contrariedade que o põe fóra de combate; pegou-se-lhe o fogo á essencia e foi obrigado a abandonar o carro.

N'essa occasião já elle era todavia precedido pelos talianos que mais uma vez demonstraram, não só a

superioridade da sua industria automobilista, mas tambem a sua habilidade inegualavel n'este genero de *sport*.

Venceu o circuito o italiano Cagno, n'um carro Itala.

AERONAUTICA

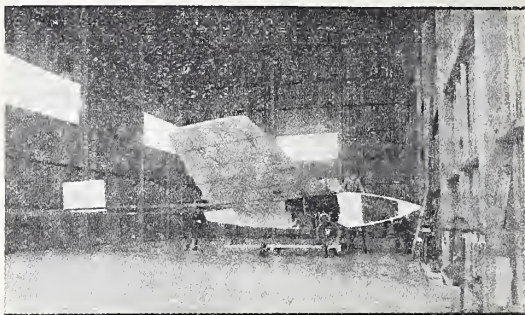
O conde de La Vaulx, celebre aeronauta, de reputação universal pelas suas frequentes e arriscadas ascensões em balões esphericos, acaba de fazer construir um aeroplano a cujas primeiras experiencias procedeu ha pouco na planicie de Saint-Cyr.

O apparelho onde enverga o panno tem 15 metros e a superficie total d'este mede 40 metros quadrados e 60 centimetros.

O todo é montado sobre um corpo de perfil fusiforme e secção quadrada, construido em madeira de pinho nas extremidades e de freixo na parte média, onde se aloja o aeronauta e atraz d'este o motor. Esse corpo mede 6 metros e 75 centimetros de comprimento e 1 metro quadrado de secção na caverna mestra e é forrado exteriormente d'um estofo leve.

Duas vergas horisontaes partindo da superficie principal, sustentam na extremidade uma superficie de 9 metros quadrados e 80 centimetros e atraz d'esta é montado um leme horisontal de superficie variavel. Um leme vertical é montado por cima d'uma verga fixa que sae horisontalmente pela pôpa fóra do corpo fusiforme. Estes lemes são manobrados por um volante e uma manivella.

O comprimento total no sentido da marcha é de 13 metros e 25 centimetros.

O propulsor comprehende um motor Antoinetta, de 40 cavallos e 8 cylindros accionando por transmíssão dois helices de dois metros de diametro e 2 metros e 25 centimetros de passo.

O aeroplano do conde de La Vaulx

Este novo apparelho, *mais pesado que o ar*, pesa, prompto a marchar, 400 kilos, dos quaes 70 kilos são para o motor, 60 para os accessorios d'este, 100 kilos para o corpo do apparelho, 100 kilos para o aeronauta e objectos de sua necessidade, 50 kilos para agua e essencia e 20 kilos de margem para qualquer circumstancia imprevista.

Veremos o proseguimento das experiencias que se annunciam muito interessantes e cujo exito se prevê assegurado pela grande reputação de que gosa o conde de Vaulx.

Sport nacional

NAUTICA

As regatas de Algés, realizadas a 15 do corrente, attrahiram alli uma extraordinaria concorrencia de gente, como de ha muito se não via.

O resultado das regatas, que decorreram no meio d'um vivissimo enthusiasmo, foi o seguinte:

Inriggers de seis remos, percurso 1 milha, medalha de prata ganha pelo *D. Affonso*, timonado pelo sr. Luiz Rembado; *inriggers* de quatro remos, percurso meia milha, medalha de vermeil ganha pelo *infante D. Manuel*, timonado pelo sr. Augusto Salgado e tripulado pelas senhoras D. Carolina Marques, voga, D. Julia Testa, D. Herminia de Oliveira e D. Bertha Futcher; *inriggers* de quatro remos, medalha de cobre ganha pelo *D. Maria Pia*, timonado pelo sr. Antonio Hortas; corrida de *charutos*, percurso 1/4 de milha, medalhas de prata e de cobre, ganhas, a primeira, pelo sr. N. de Oliveira e a segunda pelo sr. José Ribeiro; corrida de *charutos*, percurso 1/4 de milha, medalhas de prata e de cobre, ganhas, a primeira, pelo sr. José Ribeiro, e a segunda pelo sr. Mario Pistachin; botes catraios, percurso 1 milha, premio de 10$000 réis, tripulados por profissionaes, ganhando o premio a *Flôr do Chá*, de que é patrão Manoel da Abelheira.

Natação.—Corrida de 100 metros, entre banhistas de Algés; 1.º premio, medalha de prata, 2.º e 3.º

medalhas de cobre; ganhou o 1.º o sr. José Faria, o 2.º o sr. Henrique Pontes e o 3.º o sr. João Mendonça.

Corrida de 100 metros. entre os socios de todos os clubs de *sport* de Lisboa; 1.º premio, medalha de prata, 2.º medalha de cobre, ganhando a primeira o sr. Luiz Kruss Gomes e a segunda o sr. Arthur Pala.

Corrida de 60 metros para meninas até 15 annos; 1.º premio, medalha de prata, 2.º medalha de cobre, ganhas, a primeira, pela menina Anna Monteiro e a segunda pela menina Albertina Gameiro.

SPORTS ATLETICOS

Esteve concorridissimo e decorreu com o maior enthusiasmo o concurso de *sports* athleticos, realizado na avenida Marquez de Pombal,em Paço d'Arcos, no domingo, 15 do corrente.

Pouco depois das 3 horas da tarde o aspecto que apresentava a pittoresca avenida era verdadeiramente encantador.

O concurso começou pela corrida de obstaculos, sahindo vencedor o sr. Arthur Rebello e ganhando o segundo premio o sr. Americo Costa. Na corrida de bicycletas, venceu o primeiro premio o sr. Jorge A. Gomes e o segundo o sr. Oscar Correia. Nos saltos á vara ganhou o primeiro premio o sr. Carlos Kessler, que saltou $1^{m},90$. Nas corridas de andas sahiu victorioso o sr. Americo Costa; na lucta de tracção, ganhou o grupo dirigido pelo sr. Carlos Kessler. Na corrida de bicycletas (negativa), ganhou o primeiro

premio o sr. Carlos Calixto e o segundo o sr. Caetano Rebello.

Depois d'esta corrida realizou-se a prova de saltos em comprimento, ganhando o primeiro premio o sr. Carlos Kessler, que deu um salto de 3m,82, e o segundo premio o sr. Luiz de Campos, que deu um salto de 3m,72.

Nas corridas de pucaras ganhou o primeiro premio o sr. Mario Vieira, o segundo o sr. Carlos Kessler e o terceiro o sr. Jorge Gomes.

Houve tambem uma corrida de burros, ganhando o pertencente ao sr. José Ribeiro.

No intervallo realizou-se um assalto á espada entre os srs. Armando Costa e Mario Vieira, que por vezes enthusiasmaram a assistencia pela sua correcção.

TIRO

Tem ultimamente sido muito concorrida de atiradores a carreira de tiro em Pedrouços.

NATAÇÃO

Na bacia de Leixões — Desafio Porto-Lisboa — Victoria do Porto

Perante numerosa e selecta assistencia realizou-se no dia 22, na bacia de Leixões, o desafio de natação entre a *equipe* de Lisboa e a do Porto, organisado pelo Real Velo-Club do Porto, que no mesmo dia solemnisou o seu 14.º anniversario.

Disputava-se a taça *Leixões*, premio instituido pelo referido Club.

A corrida era de 500 metros, servindo de balisas, pelo sul, os torpedeiros 2, 3 e 4 da armada real, que alli se achavam fundeados.

A bacia apresentava um lindo aspecto e o tempo estava nublado.

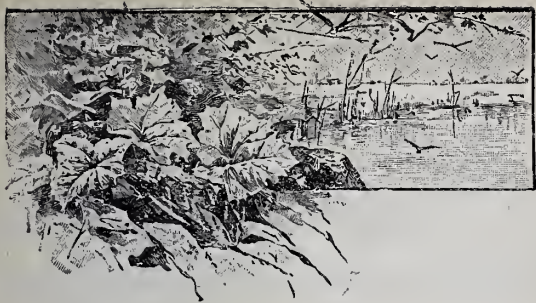
Venceu a *equipe* do Porto, chegando em primeiro logar o sr. W. Wright, do Porto, que gastou 11 minutos e 50 segundos, e em ultimo logar o sr. Armando Barata, de Lisboa, que gastou 15 minutos e 25 segundos.

Assistiram varios delegados dos diversos clubs de *sport* do paiz.

Os vencedores foram muito aclamados, sendo-lhes entregues medalhas de prata e os diplomas no meio de enthusiasticas ovações.

Os nadadores chegaram pela seguinte ordem:

1.º, sr. Wright, do Porto; 2.º, Guilherme Tait, do Porto, 3.º, Eduardo Villar, do Porto; 4.º, Arthur Ramsey, do Porto; 5.º, Francisco Marçal, de Lisboa; 6.º, Mario Rustorff, de Lisboa; 7.º, Francisco Martins, do Porto; 8.º, Frederico Soares, 9.º, Fernando Bordallo Pinheiro e 10.º Armando Barata, todos de Lisboa.

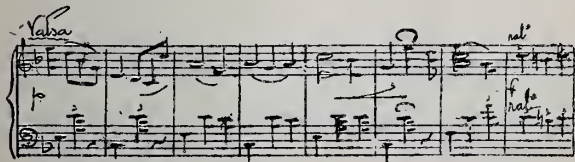
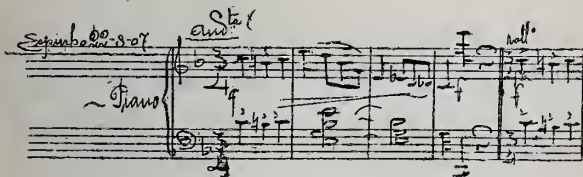
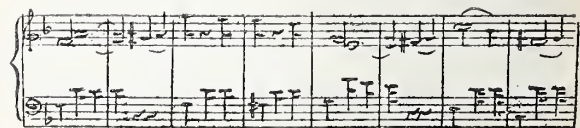
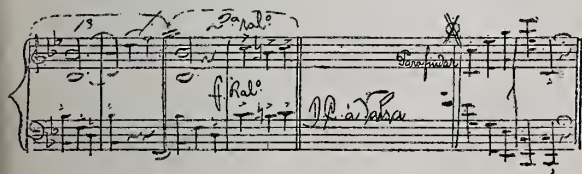
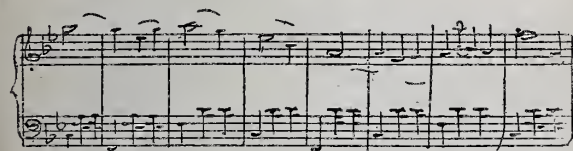
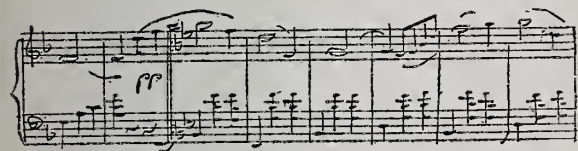
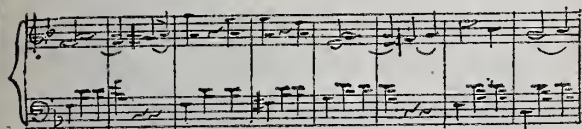
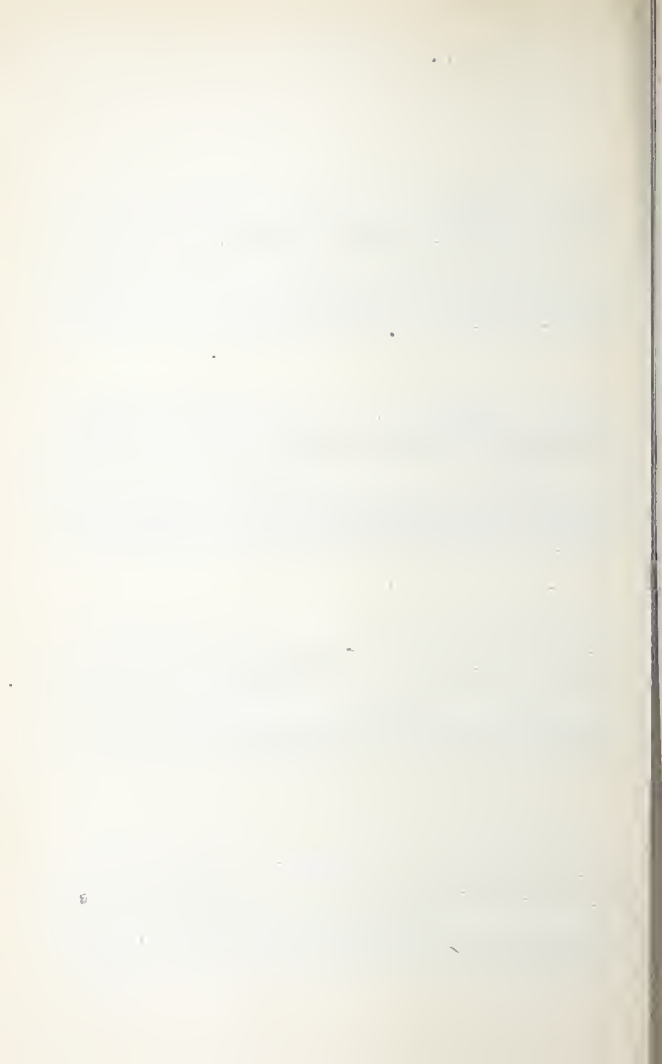
Tem, portanto, a *equipe* do Porto 17 pontos, e 38 a de Lisboa, que assim veio a perder por 19 pontos.

PREMIER AMOUR

VALSA

Fausto Neves

Ao meu amigo

ROBERTO FERNANDES

1ª
2ª Ral.º
Ral.º
D.C. à Valsa
Para findar

Charadas, enygmas e acrosticos

Decifrações do n.º 6

106, Alphabeto — 107, Obrigado collega Gambetta — 108, Mil prosperidades ao «Cosmos» — 109, Quem cabritos vende e cabras não tem d'algures lhe vem — 110, Quem desdenha quer comprar — 111, Arredar — 112, Baccho, Neptuno, Saturno, Marte, Plutão, Venus — 113, Yttrio-Yttria — 114, Cavallo cavalla — 115, Famacafaca — 116, Thymo — 117, Acata-ataca — 118, Adia-aida — 119, Argola — 120, Virador — 121, Crestacolmeias — 122, Bento-mento — 123, Bonito-Boto — 124, Pacigo-pago — 125, Cunha-unha — 126, Laurea-aurea — 127, Malva-alva — 128, Cordeiro-ordeiro — 129, Ovar ova — 130, Gallinha que canta quer gallo.

Decifradores

Alejoal, Padre Eterno, O Terrivel, M. Legnar, Leticia, Rhea-Silvia, Bohémio, Azuos.

Enygmas

194

Retribuição a «Zephyro»

Sim senhor! Eis a verdade.
Tive um trabalho inhumano
pr'a dar com habilidade
caça e morte ao seu Vulcano.

Mas deixal-o, vá pr'a frente
com esta retribuição:
— Tem quatro lettras sómente
quatro lettras e mais não.

D'essas quatro o todo dá,
uma das *parcas* temiveis
sendo o inverso — olá!
um dos *planetas* visiveis.

Eia, pois, meu camarada,
se lhe quizer dar a morte,
pr'a deixar de ser charada,
Vá-se apegar com — a *Sorte* —

Mafra. *(Alejoal)*

TYPOGRAPHICOS.

195

T A S.
O O

(Frescata)

*

196

Ǝ Я

(Az de Pauz).

197

NOTAS NOTA 5 A

(Pirolito).

*

198

vogal 5 vogal NT EET vogal Egreja 100100 S.

(Jorito).

•

199

FAUSTO LIMA

(Golias).

PARONYMO.

200

O animal é marisco — 4.

(Os 2 ripis).

*

201

E' mistura e adorno — 2.

(Mata-moiros).

DE PALITOS.

202

Tire doze palitos e meio e terá uma embarcação.

(Paulinadas).

POR INICIAES.

203

S	E	C	T	A
3	1	2	2	4

(Paulinados).

LOGOGRIPHOS RAPIDOS.

204

1—2 Nota

3—4—5—6 Delonga

Peixe

(Morgan).

Charadas

CRESCENTE.

205

O meu amigo — tem na — um quadro que representa a batalha do — .

(Golias).

TELEPHONICA.

206

Está lá ?
Estou.
Viu no altar ? — 2.
E no lago tambem — 1.
Então coma a ave.

ADDICIONADAS.

207

Cão — 2
— le —
estrangeiro — 3

(L. mano).

*

208

Pronome — 2
— col —
Piquete — 3

(Golias).

209

Arma — 4

— m —

Floco de neve — 4

(Os dois ripis)

PERGUNTA ENYGMATICA.

210

Qual é o estado da mulher que pronunciado se vê um fructo.

(Gambetta).

MAÇADA LYRICA.

211

Formar o nome de uma opera com as lettras da seguinte phrase:

RODINHA

(Pintakzas)

Mappa demonstrativo das decifrações do 4.° volume

Numero de ordem	DECIFRADORES
54	Alejoal, Padre Eterno, Bohémio.
55	Alejoal. Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
56	Alejoal, Padre Eterno.
57	Não decifrado.
58	Alejoal, Bohémio.
59	Alejoal, Padre Eterno Camillo, Bohémio.
60	Alejoal, Padre Eterno, Bohémio.
61	Alejoal,
62	Alejoal.
63	Alejoal, Padre Eterno, Bohémio.
64	Não decifrado.
65	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
66	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
67	Alejoal, Padre Eterno, Camillo.
68	Alejoal.
69	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
70	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
71	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
72	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohemio.
73	Alejoal, Padre Eterno, Camillo, Bohémio.
74	Alejoal, Padre Eterno, Camillo.
75	Alejoal. Padre Eterno, Bohémio.
76	Alejoal. Padre Eterno, Camillo.
77	Alejoal. Padre Eterno.
78	Alejoal, Padre Eterno, Bohémio,
79	Alejoal, Padre Eterno, Bohémio.

Recapitulação

Alejoal	24
Padre Eterno	20
Bohémio	17
Camillo	12

na perseguição ficassem 15 mortos e os restantes feridos ou prisioneiros.

Depois d'esta victoria, resolveu não atacar o forte, porque, não dispondo de artilheria, o insucesso era quasi certo e não quiz perder a força moral que ganhou no combate contra a columna de soccorro.

Depois d'isto, sabendo por uns espiões que os soldados imperiaes acantonados em Valdepeñas juntos aos de Infantes e Almagro, ás guerrilhas dos afrancezados D. Antonio Porras e D. Pedro Vellasco pretendiam surprehendel-o na referida villa durante a noite, resolveu aguardal-os. Os imperiaes e renegados atacaram então com tres numerosas columnas o heroico guerrilheiro, travando-se na escuridão da noite entre os olivaes e vinhas de Valdepeñas terriveis combates, perdendo o inimigo 87 homens dos quaes 58 mortos, emquanto que as perdas do heroico campeão se reduziram a 7 mortos pelo inimigo e 6 cahidos nos poços abertos no terreno, perdendo tambem 8 cavallos largamente compensados por 40 que tomou ao adversario.

No mez de agosto, unido ao commandante militar de Mancha D. José Martinez de San Martin, surprehendeu os imperiaes em Osa de Montiel, apoderandose de grande quantidade de viveres e outros effeitos.

Em novembro aprisionou 48 dragões nas cercanias de Santa Cruz de Mudela, e, poucos dias depois, perto de Ciudad Real, 50 hespanhoes ajuramentados ao regimen bonapartista.

No anno de 1812 Abad que continuava nas provincias de Ciudad Real e Toledo as suas brilhantes fa-

çanhas, sustentou no mez de Janeiro uma renhida lucta com as tropas imperiaes que terminou por uma completa victoria em que fez aos bonapartistas 15o prisioneiros, não dando ao inimigo um momento de socego, surprehendendo-o, acossando-o e derrotando-o.

Em recompensa de tantos e tão brilhantes feitos de armas, foi depois admittido no exercito, onde chegou aos mais altos postos.

Abad (Frei Alonso de), religioso da ordem de S. Francisco. Em 1755 tentou procurar as missões situadas a Oriente do rio Huallaga, sendo forçado a desistir do seu proposito por causa da deserção dos indics que o acompanhavam e que se tomaram de medo dos indios que habitam a Pampa do Sacramento. Em 1757 renovou a sua tentativa, emprehendendo a 4 de maio uma viagem de exploração, partindo da povoação de Chuchero com 16 indios.

Ainda d'esta vez, porém, não conseguiu realizar o seu intento, pois foi atacado a 9 de junho pelos selvagens que habitavam as margens do rio Aguaytia e teve que retroceder ao ponto de partida. N'esta viagem descobriu o referido rio Aguaytia e o monte de S. Carlos, situado ao oriente do Pachitca.

Abad ou **Abat** (Frei Antonio), religioso dominicano hespanhol, nascido em Cardona, que foi professor da universidade de Barcelona e da de Minerva, em Roma. Morreu em 1712 e deixou varias obras manuscriptas: *Sermões; Theologia moralis*, 6 vol.; e *Philosophia*, 1 vol.

Abad ou **Abat** (Frei Boaventura), religioso hespa-

nhol da ordem de menores, natural de Cardona. Dedicou-se ás sciencias e escreveu uma obra em francez sobre physica e mathematica, mas a sua principal obra é a que se intitula: *Aumsements philosophiques sur diverses parties des sciences et principalement de la physique et mathematiques.* Morreu em Marselha em 1766.

Abad (Frei José), professor de theologia da universidade de Huesca, poeta e orador sagrado muito notavel, examinador synodal e vigario geral *in capitae*, nasceu em Careñas em 1603 e morreu em 1667. Deixou publicados varios sermões, todos muito notaveis.

Abad (Iñigo), naturalista e historiador do seculo XVIII que escreveu a *Historia geographica, civil e politica de Porto Rico*, em 1778.

Abad (Joaquim), abbade de um convento de monges de Cister, natural da Calabria. Escreveu commentarios sobre os prophetas Isaias e Jeremias e sobre o Apocalipsis. Era um desequilibrado. Apresentava-se como propheta das coisas divinas, annunciando-as com palavras de sentido ambiguo e confuso que serviam para explicar os acontecimentos, quaesquer que elles fossem.

Chamava hereje a Pedro Lombardo, porque ensinava a doutrina de qne a essencia divina não gera, nem é gerada. Dividia os homens, segundo a chronologia, em tres estados: *carnal* ou dos casados, desde Adão a Jesus Christo; *carnal e espiritual* ou dos clerigos, desde Jesus Christo a San Benito; *espiritual* ou dos monges, desde San Benito ao fim do mundo. Dizia que o Antigo Testamento era obra do Padre Eter-

no, o Novo devido ao filho e que appareceria ainda um outro Testamenlo, obra do Espirito Santo.

Joaquim Abad era um doido e não valia a pena que S. Boaventura o fulminasse com o epitheto de falso propheta, nem que o 4.º concilio de Latrão se occupasse das suas doutrinas para as condemnar. Elle mesmo fez mais tarde publica retratação dos seus erros.

Abad (José Ramon), notavel jornalista que se distinguiu em Porto Rico pelo seu talento e energia de phrase. Dirigiu *O Progresso*, jornal que iniciou os ataques ao systema colonial hespanhol. Quando se deu a restauração bourbonica, em 1874, não quiz permanecer na ilha e emigrou, mas voltou pouco tempo depois para combater nos jornaes *La Juventude Liberal* e *La Revista de Puerto Rico*, em prol da Liberdade e independencia da sua patria. Em 1887 tornou a emigrar, estabelecendo-se então na ilha de S. Domingos, onde se dedicou á agricultura e ao commercio, continuando todavia a pugnar pelos seus ideaes de liberdade das Peqnenas Antilhas.

Abad (João), escriptor hespanhol do seculo XVIII, natural de Alcoy, que pertencia então a Valencia A proposito do terramoto que no seculo XVII devastou a sua terra natal, escreveu uma obra intitulada: *Relacion verdadera del daño y muertes que ha causado un grave y terrible terremoto en la villa de Alcoy, en 2 de Diciembre, año 1620, con otras cosas dignas de ser sabidas.*

Abad (Luiz V. de), advogado cubano que traba-

lhou muito em favor da ilha junto do governo norte americano, afim de obter vantagens commerciaes. Actualmente é o representante na capital dos Estados Unidos das sociedades economicas da ilha e trabalha activamente para que sejam concedidas vantagens aos productos da ilha de Cuba.

Abad (Manoel), cirurgião-mór do exercito hespanhol e da armada, do seculo XVIII, natural de Barcelona. Escreveu a *Opera medica*, em 10 volumes.

Abad (Pedro), hespanhol que publicou um *Tratado de musica sacra.* Não tinha ainda 27 annos, quando foi nomeado capellão e consultor do rei. No mais antigo exemplar do *Poema do Cid* lê-se que Per Abad o escreveu e d'ahi resultou mais tarde uma polemica entre os historiadores da litteratura hespanhola, alguns dos quaes o consideram auctor do referido poema e outros apenas copista d'aquelle exemplar. Prevalece, porém, esta opinião, pois Per Abad diz que o escreveu no mez de maio de 1245 e d'ahi se julga que apenas o copiou, pois, compôl-o, levaria muito mais tempo. Ha porém quem conteste o valor d'este argumento e o que é certo, é que nada de positivo se pôde concluir.

Abad (Pedro), celebre actor hespanhol, nascido na provincia de Huesca ali de uma das familias, mais consideradas. O seu amor pela arte theatral foi irrisistivel e abraçou com ardor essa carreira. Em 1860 figurava já como primeiro galã da companhia do eminente actor Tamayo, nos principaes theatros da Andaluzia. Mais tarde foi elle mesmo emprezario, desempenhando nas suas companhias os principaes

papeis, bem como sua mulher a notavel actriz Conha Marin.

Affastado da scena por algum tempo para desempenhar uma importante commissão de serviço publico, voltou, logo que acabou, ao palco que era a sua mais ardente paixão.

Abad (Sebastião Luiz), nasceu em Guayaquil em 1648 e foi admittido na Companhia de Jesus em julho de 1664. Foi professor de latim e theologia, eloquente orador sagrado e reitor do collegio jesuita de Quito, na republica do Equador, onde morreu em 1727.

Escreveu varias obras notaveis, entre as quaes *Philosophia naturalis tripartita*, *Enodatio compendiaria in Universam Aristotelis Physicam* e *Trastatus de restitutione*.

Abad (Thomaz), medico da republica do Equador, deputado, escriptor e orador.

Abad (Victoriano), hespanhol, auctor do livro de missa *Ordinario de Misa*, onde se lêem os exercicios que devem diariamente ser praticados pelos bons catholicos, orações para antes e depois da communhão, etc.

Abada, *s. f.*, aba cheia, grande quantidade.

Abada, rhinoceronte da India. Nome que os portuguezes deram ao rhinoceronte da India.

Abada, povoação da freguezia de Carvalho de Rei, no concelho de Amarante.

Abadal (Antonio), licenciado em direito, natural de Barcelona, dos principios do seculo XIX. Foi membro da academia de Boas Letras d'aquella cidade.

Anecdotas

Deus ao serviço da usura

Um prégador afamado foi um dia procurado por um usurario muito conhecido o qual lhe pediu com muita instancia que, sempre que para isso se lhe offerecesse ensejo, pintasse a usura como um dos mais nefandos crimes que o homem pode praticar e para o qual reserva Deus as mais terriveis penas do inferno.

O padre, sinceramente admirado do arrependimento do velho usurario, replicou:

—Nenhuma duvida tenho em satisfazer o seu pedido, tanto mais que, fazendo-o, vou de accordo com a minha consciencia. E vejo com immenso prazer que a graça divina tocou o seu espirito... Estimo muitissimo vel-o n'essas disposições...

— Muito e muito obrigado, retorquiu o velho usurario, não comprehendendo ou fingindo não comprehender o sentido das palavras do padre. Assim, ao menos, fico com esperanças de ganhar mais alguma coisa, que nos ultimos tempos tem sido tão grande a concorrencia que o negocio arrasta-se pelas ruas da amargura. Mas eu espero que a eloquencia de V. Rev. convencerá os outros a largar este ramo de negocio e ficarei só em campo... Muito e muito obrigado.

Isso sim, isso é sempre certo

N'uma das ruas mais centraes de Lisboa vive uma nigromante que gosa da fama de nunca se enganar, quando se propõe adivinhar o passado ou prognosticar o futuro.

Por essa rua passaram um dia duas senhoras da alta aristocracia que, aguilhoadas pela curiosidade, não poderam vencer o desejo de observar de perto o prodigio e subiram.

— Minhas senhoras, disse-lhes a vidente, são 5$000 réis cada consulta.

— Pegue lá, disse uma das senhoras, e agora digame alguma coisa sobre o meu passado para que eu possa ter alguma fé no que me dissér acerca do futuro.

— Pois não, minha senhora. E, dizendo isto, a feiticeira entregou-se a uma série de manobras equivocas ao fim das quaes declarou:

— V. Ex.ª tem soffrido grandes desgostos domesticos. O marido de V. Ex.ª não é infelizmente um modelo de fidelidade...

— Ora! Vivi sempre feliz em familia e a respeito

de marido infiel não sei o que isso seja, porque sou solteira

—Mas tem soffrido crueis desenganos em questões de amor...

—O meu noivo é o mais leal dos homens e ama-me apaixonadamente.

—Uma intima amiga de infancia trahiu-a, minha senhora...

—Nunca! Conservo com todas as mais intimas e leaes relações.

—Dê-me então V. Ex.ª a sua mão, porque n'ella lerei mais correntemente... Com effeito! V. Ex.ª acaba de soffrer uma perda de dinheiro...

—Ah! agora sim, isso é certo...

—Já vê V. Ex.ª que nas linhas da mão leio...

—Não ha duvida que acertou, porque acabo de perder os 5000 réis que dei pela sua consulta...

Quem sabe se a poderei apanhar?

Um solteirão estroina e dissipador deixou de pagar ao creado que o servia, as sòldadas de muitos mezes. Este vendo que o tempo ia passando sem que visse a côr ao dinheiro, e receando que, quanto maior fosse a divida, maior difficuldade tivesse o amo em lhe pagar, resolveu-se um dia a exigir o pagamento dos seus serviços,

O amo, surprehendido por tão inesperada exigencia, respondeu-lhe:

—Homen, socega, que não perdes nada por isso... A tua soldada vae correndo...

— E' exactamente isso que eu temo, senhor, que corra tanto que eu não possa depois apanhal-a...

Mais depressa se apanha um mentiroso...

— O' compadre, você empresta-me o seu burro para ir á romaria?

— Com todo o gosto o faria, compadre amigo, se ha menos de uma hora não o tivesse emprestado para o mesmo fim ao visinho aqui do lado.

— Essa só pelo diabo!

Palavras não eram ditas quando o demonio do burro começou a zurrar na loja.

— Olá, compadre, torna o que queria ir á romaria, então você nega-me o burro? Ainda bem que elle zurrou a tempo de eu ficar sabendo que você me mentiu só para m'o não emprestar...

Se ha menos d'uma hora não o tivesse emprestado

— Veja lá o que diz, compadre, replicou o dono do burro, formalisando-se. Quer que eu supponha que dá mais credito ao burro do que a mim?...

Depeudurado a enxugar!

Um pobre homem não podendo supportar por mais tempo o fardo da vida que para elle era particularmente pesado, atirou-se ao rio para acabar de vez com a sua miseravel existencia.

Um marujo que presenceára por acaso aquelle acto de desespero, cedendo aos impulsos do seu generoso coração, atirou-se logo em seguida e conseguiu, não sem custo, salvar o pobre homem. Acompanhando-o a casa, ali o deixou só, emquanto foi chamar a mulher que na occasião se achava ausente. Quando regressaram os dois, encontraram o homem pendurado pelo pescoço n'uma das traves do tecto.

A mulher afflictissima começou a gritar por soccorro, ao mesmo tempo que exclamava:

—Ai, o meu pobre marido que está morto!

—Qual está! Não póde ser! Pois ainda agora o deixei bem vivo! obtemperou o ingenuo marujo. Naturalmente dependurou-se ali para enxugar...

Não, que da calumnia sempre fica alguma coisa...

Irritado por ter perdido uma demanda em que andava empenhado, dizia um individuo muito mal dos juizes que tinham intervindo no julgamento da causa; «um d'elles é um pateta, o outro é um ladrão», costumava esse individuo dizer dos julgadores que se lhe tinham mostrado desfavoraveis.

Um dos juizes, sabendo d'isso, procurou o outro para com elle combinar apresentar querella contra o sujeito que assim os injuriava publicamente, mas o outro foi de opinião que melhor era desprezar a calumnia e disse para o collega:

— Olhe, meu caro, *vozes de burro não chegam ao céo* e você é um pateta, porque ainda se incommoda com essas coisas. Deixe lá desabafar o homem.

— Ah, deixo, deixo, replicou o primeiro, a mim apenas me incommodava o caso, pelo facto de elle chamar a um de nós pateta e a outro ladrão e eu não saber a qual applicava elle um ou outro epitheto.

E, com franqueza, lá por ladrão custava-me muito a passar. Mas, como você acaba de me declarar que o pateta sou eu, já nada me incommodo com o que o sujeito diz.

O seguro morreu de velho

El-Rei D. José dava por vezes aos seus fidalgos a liberdade de discutirem com elle, e um dia travou discussão com o velho marquez de Ponte do Lima acerca do poder que os reis tinham sobre os seus

vassallos, sustentando o rei que esse poder era illimitado, oppondo o marquez uma negativa formal fundada em razões varias a que o monarcha não sabia que replicar.

A discussão foi-se azedando e, a certa altura, D José, querendo exemplificar a sua these, disse muito irritado para o marquez:

—Se eu lhe ordenasse que fosse atirar-se ao mar, o marquez deveria cumprir immediatamente e sem a mais leve hesitação a minha ordem.

Com grande espanto dos fidalgos que assistiam á contenda, o marquez, em vez de replicar, dirigiu-se bruscamente para a porta do salão. O rei, não menos admirado que os seus cortezãos, perguntou-lhe surprehendido:

—Onde vae?!

—Aprender a nadar, meu senhor.

Uma estrepitosa gargalhada sublinhou a espirituosa resposta e a discussão terminou.

salão, e annunciou William Shakspère, que entrou apoz d'elle.

Trajava completamente de preto. Sómente as pelles de Martha que orlavam o seu givão e o manto de velludo, os broxes de ouro que o colhiam sobre o hombro, o colleirinho de largas rendas que lhe cahia por cima, realçavam a simplicidade d'este vestuario.

Mas para que necessitava elle de realces? Por ventura a sua belleza não daria brilho ao vestido mais humilde?!

A sua fronte era espaçosa e admiravelmente modelada: os cabellos escuros e annellados por natureza: os olhos eram rasgados e innundados de uma luz fulgentissima: todas as feições finas e nobres: a tez de uma pallidez suave, mas animada, e o talhe e as mãos de uma distincção fidalga. E sobre tudo isto era poeta, poeta applaudido, e admirado em Inglaterra. Podia deixar rutilar em seu rosto os clarões de sua alma e o sentimento da sua dignidade. Toda a sua figura era sobrelevada por este prestigio supremo, que não pertence senão aos entes creados por Deus de uma essencia superior.

Henrique, levado por um movimento que ainda participava da sua amisade de infancia, deitou os dois braços ao pescoço de William, e assim ficou dobrado sobre elle por alguns momentos.

Shakspère tinha então uma apparencia de mais idoso que Henrique: tinha vivido mais a vida do espirito que gasta annos n'um dia. Sua estatura, mais elevada, a pallidez que lhe notavam, seu vestuario sombrio, imprimiam-lhe um cunho mais severo.

Um dos braços tinha-o passado em volta do corpo de Henrique. Este, trajando de encarnado e recamos de ouro, refulgente de saude e virente formosura, reclinava sobre o hombro do amigo a sua cabeça loura e colorida, que tanto destacava em cima do velludo negro.

Estes dois mancebos formavam um grupo notavel pela expressão.

O conde velho, e sobretudo lord Clarisson deram mostras de quanto eram abalados pelo exterior tão imponente como agradavel do joven escriptor.

Lord Southampton pegou-lhe na mão e convidou-o a assentar-se junto d'elle.

Esta recepção era natural da parte d'este: mas qual não foi o assombro e o abalo de William, quando a bella Izabel se ergueu tambem do seu logar e se avisinhou d'elle, para lhe assegurar o quanto era bem vindo e lhe dirigir phrases lisonjeiras a respeito das suas producções e do exito que tinham obtido!

Havia um anno que Shakspère tinha chegado a Londres e abraçara a profissão de actor, e durante todo esse tempo permanecera sempre em casa da joven actriz, onde tinha inaugurado a sua residencia, repartindo os lucros da scena com ella, e estudando e trabalhando sem cessar.

A sua apprehensão, ao entrar para o theatro, tinha sido que esta condição o deveria affastar mais ainda do conde Southampton, do que o seu nascimento humilde. Ainda que a classe dos actores não fosse ainda fulminada n'esta época pela reprovação que a deveria fulminar tempo depois, logo que os costumes

se foram apurando e tomando apparencias mais rigidas, não obstante sempre prendia William n'uma região inferior, a que o mancebo conde não podia descer.

O novo actor queria a todo o custo adquirir o titulo de escriptor, que o collocaria n'uma esphera particular, pois o faria tocar em todas, sem pertencer especialmente a nenhuma.

Condemnou-se a uma exulação austera, e constrangeu-se a viver longe de Henrique, sem nem sequer lhe dirigir uma palavra de recordação, desabafando apenas toda a sua ternura e saudade nos versos exalados de seu peito, e consolando-se por que esta collecção, dedicada ao seu amigo, lhe explicaria talvez um dia o segredo de tamanha ausencia.

Emfim, o livro de *Peregrino apaixonado* appareceu, e logrou, desde o seu apparecimento, no meio das polemicas que incitou, a notoriedade que é sempre a primeira homenagem prestada ao genio.

Por esta época, n'uma aprazivel noite de setembro, atravessava Shakspère as ruas do nobre bairro de *Convent-street*, que entrava pela primeira vez, e encaminhou-se para o palacio Southampton.

— Agora já não serei o filho do mercador de lãs, nem o pobre comediante que se introduz furtivamente a apertar a mão do seu amigo: William Shakspère é já um nome que posso annunciar aos lacaios para que me abram as portas do salão, e eu possa sentar-me ao lado de Henrique.

Um instante apoz a chegada de William muitos individuos entraram, e Henrique prendeu-se com a

conversação de um d'elles: n'este comenos, miss Southampton, que volvera ao seu bordado, fez signal com a mão a Shakspère para ir assentar-se n'um tamborete que estava proximo a ella, e começou de novo a conversar com elle com o modo mais affectuoso.

Ao levantar-se, William, que pensava com satisfação na hora de tornar a ver a altiva Izabel, havia tencionado mostrar-se soberbo com ella, e fazer-lhe sentir que possuia um titulo que poderia oppor aos seus, e exaltar bem alto a dignidade de poeta e sustental-a em face da fatuidade aristocratica.

Concebera até o projecto de algumas vinganças de que havia de gosar. A paixão de lord Clarisson pela joven comediante, que era assás conhecida na grande roda, podia-lhe servir para mordazes e frequentes allusões: tencionava encarecer mais os predicados d'aquella que Isabel sabia perfeitamente ser sua rival, e fallar ligeiramente dos namoricos dos fidalgos que desertam muitas vezes dos altos logares onde seriam bem acolhidos, para se desvairarem por entre os bastidores. Queria assim dilacerar o orgulho da belleza como tambem o da fidalguia.

Mas n'este momento, na presença d'este acolhimento inesperado que ella lhe fez, toda esta cruel altivez cahiu por terra, e ficou estupefacto, deslumbrado, consternado por ver perdidos os seus planos de vingança.

Qual seria o motivo que levara a nobre donzella a esta generosa benevolencia? Esta senhora, que tão enfatuada se mostrava dos seus pergaminhos, teria o animo assás esclarecido e superior para reconhecer

e acceitar a nobreza do poeta? Seria ella guiada n'esta delicada manifestação por qualquer interesse occulto e protrahido? Era indispensavel admittir uma d'estas duas supposições, porque para caprichos triviaes que se dobram a todos os homens, porque todos pódem vir a ser amantes, ero incapaz esta Izabel de altivos espiritos.

Fosse como fosse, quando William se assentara ao pé d'ella, logo com extrema graça e uma doçura que jámais lhe suppozera, ella lhe fallou, como de um facto consumado, da sua brilhante carreira, da qual na realidade a melhor parte ainda estava em esperanças.

William não achou modo de prestar culto a esta bondade seductora, senão revestindo-se voluntariamente da modestia que lhe não exigiam. A reputação que elle quizera impôr, concediam-lh'a tão liberalmente, que a renunciava de todo o seu coração, e quasi que sentia prazer em poder repôr, nos locaes onde os havia colhido, os exitos bem frageis ainda que as suas obras tinham alcançado. As allusões, as palavras crueis com que tencionava pungir o coração da donzella, essas armas ponteagudas de que tencionava servir-se, tel-as-hia agora quebrado com as suas proprias mãos, se qualquer outro quizesse lançar mão d'ellas.

E, comtudo, não se esquecia da vaidade insolente da formosa condessa, porque todas as inflexões, todas as modulações d'aquella voz que elle reconhecia tão perfeitamente, tanto o havia ferido pela primeira vez que a ouvira no theatro de Stratford, lhe recorda-

vam o modo desdenhoso e ultrajante com que a nobre donzella proferira a palavra *povo*. Mas agora sentia verdadeiro prazer em perdoar-lhe, prazer que não trocaria por nenhuma vingança d'este mundo.

Bem pequena cousa foi bastante para este grande coração se demudar assim!

William havia-se sentado n'um tamborete baixo, junto da poltrona onde se recostava Izabel.

De repente achou-se envolvido na atmosphera d'esta mulher, cujas perfeições naturaes eram realçadas pela elegancia, riqueza, graça ineffavel, pelo brilho das douraduras, pelo sussurro das sedas, pelo aroma dos perfumes, por todos esses espiritos invisiveis que fluctuam em volta da belleza e levam a sua seducção ao coração do homem. Já não sentia senão o reconhecimento, a adoração e o estremecimento inexplicavel, derramado em suas veias pela mão de Izabel, que tinha roçado a sua ao puxar pelo fio da seda. Silencioso, com os olhos fitos e o peito arfando, dobrava-se e empallidecia sob o influxo d'este encanto.

— Olhaes com bastante attenção para o meu bordado, disse a bella miss; parece-vos bem? Destino esta tapeçaria para o estofo de uma marqueza de meu pae, e tenho-a bordado com todo o desvelo. Estas ricas palmas devem agradar-vos; são o distinctivo que haveis de pôr em breve no vosso brasão, senhor poeta! Unicamente será necessario que sejam de côr mais clara, pois deverão ser folhas de primavera, em vez de folhas de outomo.

— Se quereis que vos diga, senhora, não estou ca-

paz de reunir duas idéas. Quando vi estas palmas, esqueci o seu symbolo, e só as admirei como obra de vossas mãos.

— Não sei se devo pôr no meio d'estas grinaldas uma corôa ou um ramo de rosas.

— Ponde a vossa firma, que valerá por uma e outra cousa.

— Agora, disse ella sorrindo-se, já vos fallei da minha obra, dae-me parte tambem das vossas. Diz-se que preparaes varias peças para o nosso theatro, e accrescenta-se que a rainha se empenha bastante em vêl-as.

— Occupo-me de pôr em scena alguns assumptos extrahidos da historia romana.

— Ides procurar as vossas inspirações em tempos bem remotos.

— O mundo real é muitas vezes tão triste que é preferivel ir escolher longe do presente, tanto da existencia como de nós mesmos, o ponto onde devemos deter o nosso pensamento.

— Mas acho difficil fazer fallar os imperantes do povo rei.

— Estaes enganada, porque a sua linguagem aprende-se no diccionario do orgulho e do despotismo, que se depara aberto em toda a parte. E' muito mais difficil pôr a fallar qualquer pastor, de quem a natureza e a verdade pódem só produzir as palavras. E ainda será mais difficil fazer fallar uma mulher, porque para exprimir os encantos indefiniveis e supremos da sua voz, importa possuir alguma particula da divindade que a creou.

— Encontrareis em vós todas as inspirações neces-

sarias, sir William; não duvideis d'isso. Olhae, se devemos acreditar no olhar animado de rutilantes fulgores, mas tambem de faiscas sombrias que desferis n'este instante, quasi se póde apostar que as paixões de todas as épocas teem em vós um interprete habil. Porém, seja qual fôr o seculo a que vos compraza transportar o pensamento ou em que desdobreis as azas da vossa phantasia, folgo de crer que nos vireis ver mais algumas vezes e não esquecereis os vossos amigos, como já o haveis feito.

Estas derradeiras palavras foram ditas com um modo verdadeiramente affectuoso.

Mas como se esta doçura familiar houvera fugido excessivamente do caracter da nobre miss, para se não fatigar em extremo, callou-se subitamente: o sorriso começado ficou contrahido nos labios. Voltou a sua attenção toda para o bordado, e o véo de tristeza que se lhe desenrolava sobre o rosto immovel e frio antes da chegada de Shakspère, pareceu tornar-se mais espesso.

Henrique tinha já voltado para junto do seu amigo, e apoderou-se d'elle durante o resto da noite.

O moço poeta sahiu d'este salão, levando no seio uma felicidade debatida de incertezas e turbações, porque provinha não tanto da satisfação de ter encontrado o seu amigo, como da alegria immensa de se ver objecto das affaveis delicadezas da miss Southampton: e todas as vagas esperanças que lhe derramou no intimo um capricho favoravel da donzella, apezar de o enebriarem, deixaram-lhe comtudo ver a sua instabilidade.

Ao descer, William achou-se n'um vestibulo espaçoso, com os hombraes sobrecarregados de ornatos è esculpturas, de figuras grandiosas e exoticas que frouxamente allumiados por uma lampada, avultavam de um modo phantastico n'esta claridade vacillante, e se dissipavam na graduação da luz e perdiam no vago da abobada.

Proximo da escadaria viam-se dois criados encostados ás pilastras, do mesmo modo dourados, blazonados e immoveis como tudo o mais.

Shakspère, parecendo-lhe que seria muito tarde para encontrar o seu caminho n'um bairro que elle conhecia tão pouco, mandou a um dos lacaios que lhe fosse procurar uma carruagem; depois avisinhou-se de um enorme relogio collocado á direita a prumo da parede, para saber se seriam horas de encontrar ainda os cocheiros na praça, ficou esperando n'este sitio.

Apenas aqui se deteve, o relogio deu meia noute. N'este momento a porta lateral abriu-se, e um homem muito baixo vestido com uma libré vermelha e preta entrou de mansinho, e disse algumas palavras ao criado que se veiu collocar junto da porta da entrada.

O criado subiu ao salão para dar o recado que recebera; e William, só com o homem que entrara, e occulto a seus olhos pelo fuste da columna, atraz da qual estava, examinou detidamente este personagem, porque as suas feições não lhe pareceram desconhecidas.

Este homem vestia um gibão de velludo preto raiado de côr de fogo e cheio de fitas da mesma côr

A touca era sobrepujada de uma especie de ramo le pequenos penachos, mesclados d'estas duas côres de luto e chammas. Galões de ouro correndo sobre todas as costuras, mostravam que tal vestuario era apenas uma libré.

Os cabellos negros e crespos cobriam-lhe a testa e uma parte das faces, deixando por isto que a luz da lampada mui indistinctamente lhe allumiasse o semblante.

Foi pois menos em consequencia d'este exame minucioso que por um estremecimento que o abalou todo, que William reconheceu n'este criado a medonha personagem que como guarda de floresta o tinha prendido em Worcester.

Mas em verdade n'esta occasião Minuit estava outro com o trajo que vestia. Tinha mais garbo e uma apparencia mais humana; porém, ainda que William se admirava da presença d'este individuo, e lhe custasse a accreditar o que via, não podia deixar de reconhecer aquella especie de monstro cuja influencia peçonhenta e mortifera avexava n'outro tempo o condado de Worcester. Bem via elle ali aquelle inimigo secreto, que já uma vez se lhe apresentára, quando mal era esperado, e que parecia ter saboreado o gosto de lhe promover um processo criminal que o ia levando á prisão, e quem sabe se á forca!

Ao cabo de alguns momentos, o criado, que subira ao salão, desceu acompanhando misse Southampton, que fez um acêno ao homem da libré vermelha e preta; depois entrou para uma sala baixa, onde elle

Expediente:

Propositadamente tem sido retardada a publicação do Volume X da nossa revista, para procedermos a um rigoroso apuramento das respostas a que em parte attendemos já n'este volume e a que successivamente iremos attendendo consoante as indicações amaveis dos nossos assignantes e do publico a quem de novo endereçamos os nossos agradecimentos pelo bom acolhimento que continua a dispensar-nos.

Repetimos os pontos do nosso inquerito agradecendo as indicações enviadas.

Quaes as secções que devem manter-se!

Quaes as secções novas a introduzir na Revista!

Quaes as que devem ses mais on menos desenvolvidas!

Quaes as que devem supprimir-se!

Concurso:

Fica aberto a partir d'esta data um concurso entre os alumnos dos lyceus e collegios de instrucção secundaria para acquisição dos melhores tres contos, com assumpto á escolha do auctor, cuja classificação será feita por um jury especial, cabendo aos tres primeiros classificados, tres objectos d'arte.

Abriremos successivamente novos concursos que irão interessando todas as classes, ás quaes procuraremos ser uteis, procurando d'esta fórma continuar a merecer o bom acolhimento que o publico nos tem dispensado.

Aos nosssos assignantes e agentes

As assignaturas são pagas adiantadamente.

As liquidações dos nossos estimaveis agentes são feitas mensalmente, sendo suspensas as remessas logo que deixe de se attender esta observação, para regularidade dos serviços administrativos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a **Adolpho de Mendonça—Rua do Corpo Santo, 46-48—LISBOA.**